

Márcia Vidal Nunes

Teologia da Libertação, Mística e MST:

O Papel da Comunicação Grupal Libertadora
na Organização Política do Movimento



Teologia da Libertação, Mística e MST

**O Papel da Comunicação Grupal Libertadora na
Organização Política do Movimento**

Presidente da República

Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação

Henrique Paim

Universidade Federal do Ceará – UFC

Reitor

Prof. Jesualdo Pereira Farias

Vice-Reitor

Prof. Henry de Holanda Campos

Editora UFC

Diretor e Editor

Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselho Editorial

Presidente

Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselheiros

Prof^ª. Adelaide Maria Gonçalves Pereira

Prof^ª. Angela Maria R. Mota de Gutiérrez

Prof. Gil de Aquino Farias

Prof. Italo Gurgel

Prof. José Edmar da Silva Ribeiro

Márcia Vidal Nunes

Teologia da Libertação, Mística e MST
O Papel da Comunicação Grupal Libertadora na
Organização Política do Movimento



Fortaleza
2014

**Teologia da Libertação, Mística e MST: o Papel da Comunicação Grupal
Libertadora na Organização Política do Movimento**

© 2014 Copyright by Márcia Vidal Nunes

Impresso no Brasil / Printed In Brazil

Todos os Direitos Reservados

Editora da Universidade Federal do Ceará – UFC

Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará

CEP: 60.020-181 – Tel./Fax: (85) 3366.7766 (Diretoria)

3366.7499 (Distribuição) 3366.7439 (Livraria)

Internet: www.editora.ufc.br – E-mail: editora@ufc.br

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Moacir Ribeiro da Silva

REVISÃO DE TEXTO

Carmen Dolores Saraiva de Sousa

Rogéria de Assis Batista Vasconcelos

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Luciane Silva das Selvas

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Luiz Carlos Azevedo

DIAGRAMAÇÃO

Thiago Nogueira

CAPA

Valdiano Araújo Macedo

Editora Filiada à



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

N972t

Nunes, Márcia Vidal

Teologia da libertação, mística e MST: o papel da comunicação grupal libertadora na organização política do movimento / Márcia Vidal Nunes - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

124 p. ; 21 cm. (Estudos da Pós-Graduação)

ISBN: 978-85-7485-175-4

1. Movimento dos trabalhadores rurais sem terra. 2. Trabalhadores rurais - Brasil. 3. Movimentos sociais - Brasil. I. Título.

CDD 331.7630981

“Mística é um sentimento que passeia delicado e lento por dentro de nosso coração. Como se tivesse mãos, coloca o ânimo em cada pensamento.

Mexe no comportamento, no jeito de andar, falar e sorrir; é a força que nos faz sentir prazer e arrependimento. [...]. Quem tem mística está sempre crescendo. A cada dia sente-se renascendo nas coisas que vai realizando. Seja na base ou no comando, a mesma energia se manifesta, como a alegria em uma festa, instiga quem está participando. [...]. Mas a mística não é só bondade, às vezes serve-se da ansiedade para angustiar o corpo inteiro. Como uma chama no candeeiro que bebe o líquido que está dentro, provoca todos os talentos e esgota as capacidades. Desafia as habilidades para enfrentar certos apuros, nos cobra para sermos mais maduros diante dos acontecimentos.”

Ademar Bogo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	11
1 SURGIMENTO DO MST	13
1.1 CEBs, Pastoral da Terra e Formação do MST	14
1.2 Comunicação Grupal Libertadora como Elemento Facilitador da Organização Política	21
1.3 Comunicação Grupal Libertadora	22
2 A MÍSTICA COMO PRÁTICA DE COMUNICAÇÃO GRUPAL LIBERTADORA NO MST	33
2.1 As Místicas dos Estudantes do Curso de Jornalismo da Terra	42
2.2 O Significado da Mística para os Militantes	45
2.3 Um Tipo de Mística para Cada Situação	68
3 RELAÇÕES ENTRE MÍSTICA E PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA INTERNA DO MST	83
3.1 O Caráter Ideológico da Mística	98
CONCLUSÕES	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
APÊNDICE	111
Apêndice A – Místicas realizadas pelos estudantes do curso de Jornalismo da Terra em julho de 2010	111

APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto de uma pesquisa de pós-doutorado de Márcia Vidal Nunes, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, realizada na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob supervisão da professora doutora Raquel Paiva, com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), ao longo de 2010. O objetivo central do trabalho foi realizar uma reflexão sobre o papel da mística, entendida como uma prática da comunicação grupal libertadora, no processo de organização política interna do Movimento Sem Terra.

Além das reflexões de vários estudiosos do tema, a pesquisa dá visibilidade às ideias dos militantes. É a mística e seus significados concretos na fala dos próprios ativistas do MST, entrevistados nos assentamentos de Madalena e Itarema, no Ceará, e em Fortaleza, em 2010, durante mais uma etapa do curso de graduação em Jornalismo da Terra, realizado no Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. Foram gravadas, antes do início das atividades diárias do curso, várias manifestações da mística, em julho de 2010. Além das entrevistas com dirigentes locais e nacionais do MST, integrantes da Teologia da Libertação diretamente envolvidos com a criação do MST e com a comunicação grupal libertadora também forneceram importantes subsídios à realização do trabalho.

Falar de mística é falar de uma dimensão subjetiva (durante muito tempo relegada a um papel menor por muitos movimentos contestatórios) e, simultaneamente, de uma prática da comunicação grupal libertadora que, associadas, trazem

à cena pública uma nova forma de vivenciar a política como práxis libertadora que conduz os militantes a uma nova relação consigo mesmos, com sua força interna como ativistas e com a sociedade em geral. E o MST, ao adotar a mística como prática de comunicação e de ação política, ratifica sua identidade e mostra um caminho diferente, inovador, do militante que se permite “experenciar” a vida, buscando energia dentro de si mesmo para transformar a realidade a seu redor.

Catarina Tereza Farias de Oliveira

Professora da UECE e do Programa de
Pós-Graduação em Comunicação Social da UFC

INTRODUÇÃO

O principal objetivo desta pesquisa é mostrar qual o papel da comunicação grupal libertadora no processo de organização política do MST. Como a Teologia da Libertação através de uma nova forma de exercício do poder religioso, em que toda a responsabilidade é repassada para as mãos do crente-militante, influenciou as práticas comunicacionais grupais libertadoras do MST e contribuiu para a consolidação do movimento? De que forma a comunicação grupal libertadora pode atuar como instrumento de libertação política de determinado grupo social, especificamente do MST? Como a mística constitui uma prática comunicacional grupal libertadora?

As metas da pesquisa compreenderam: identificar qual o papel das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da Pastoral da Terra na politização da luta dos sem-terra; localizar a contribuição da Teologia da Libertação na construção de práticas democráticas no interior do MST; perceber de que forma a Teologia da Libertação transfere o poder da Igreja Católica ao homem comum, responsável, agora, por seu próprio processo de libertação e como a comunicação é usada nesse processo no interior do MST; captar a contribuição da comunicação grupal libertadora para o aprofundamento das vivências comunitárias no MST; verificar até que ponto a mística significaria uma tentativa de politizar a dimensão religiosa através da vivência comunitária do MST; avaliar se o MST significaria, na prática, um retorno da comunidade local, na qual a identificação territorial retoma sua importância e se revive o ideal do paraíso perdido através da conquista da terra prometida.

Quanto à metodologia, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, analisando as práticas de comunicação no interior do movimento nos assentamentos de Madalena e Itarema, no Ceará, e a mística executada pelos alunos do curso de Jornalismo da Terra, em Fortaleza, antes do início das atividades diárias (várias manifestações da mística foram gravadas na etapa presencial de julho de 2010, no curso de Comunicação Social da UFC), bem como a sistematização das entrevistas com dirigentes locais e nacionais do MST e integrantes da Teologia da Libertação diretamente envolvidos com a criação do MST e com a comunicação grupal libertadora.

1

SURGIMENTO DO MST

O MST surgiu em 1984 durante a redemocratização da sociedade brasileira, conhecida como abertura política, que conduziu o país à normalidade democrática após o período da ditadura militar que se iniciou com o golpe de 1964. Durante esse período, a sociedade civil passou por uma fase de reorganização, com vários movimentos sociais surgindo e representando os mais diferentes interesses de grupos coletivos específicos.

A Igreja Católica, representada por uma corrente que surgiu em seu interior, denominada Teologia da Libertação, teve importante papel na facilitação, organização e consolidação de vários movimentos sociais, entre eles o MST. No rastro deixado pelas Comunidades Eclesiais de Base, células vivas onde as ideias da Teologia da Libertação eram colocadas em prática, surgem procedimentos comunicativos denominados genericamente de comunicação grupal libertadora.

Neste trabalho, queremos compreender o papel da comunicação grupal libertadora, surgida dos procedimentos comunicativos no interior das CEBs na estruturação política dos movimentos sociais, e particularmente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em práticas comunicativas concretas, configuradas na mística e sua relação com o processo de organização política interna do MST.

1.1 CEBs, Pastoral da Terra e Formação do MST

A principal consequência da colonização do Brasil pelos portugueses foi uma distribuição de terras que permitiu o surgimento e a consolidação dos latifúndios. O problema da distribuição da terra remonta à colonização, no Brasil, ao modo como os portugueses distribuíram as terras. D. Pedro II promulgou a Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, conhecida como a Primeira Lei de Terras, que definiu a forma como seria constituída a propriedade privada da terra no Brasil. A consolidação do grande latifúndio como estrutura básica da distribuição de terras não foi a principal consequência social dessa lei.

Em razão da lei de terras ser tão discriminatória, surgiram, no final do século passado e início deste século [XX], os primeiros grandes movimentos camponeses, que tinham como principal bandeira o acesso mais fácil à terra, o que significaria melhora nas condições de vida daquelas pessoas. [...] a ausência de uma política de distribuição de terras gerou conflitos sociais. Vários deles ocorreram, como o dos posseiros de Teófilo Otoni (MG), e houve também a formação das Ligas Camponesas em Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo. Intensificaram-se ainda os movimentos migratórios de camponeses pobres habitantes de regiões superpovoadas, que, impedidos de ter acesso à terra em suas regiões, passaram a migrar para as regiões de colonização, ocupando-as como posseiros. [...]. Assim, tivemos o movimento dos camponeses do Nordeste rumo ao Oeste, colonizando o Maranhão e chegando até o Acre. Os camponeses pobres gaúchos passaram a migrar para o Centro-Oeste, colonizando o oeste de Santa Catarina e do Paraná e o sul do Mato Grosso (STÉDILE, 1997, p. 13).

Nesse período, surgiu a União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (Ultab), impulsionada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), e o Movimento dos Agricultores Sem Terra (Master), do Rio Grande do Sul, dirigido pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), de Leonel Brizola; esses movimentos ganharam expressão também no Nordeste. Agindo sob influência do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e de outras forças políticas de esquerda, passaram a adotar a palavra de ordem: “Reforma agrária na lei ou na marra!” O movimento de sindicalização rural, graças à regulamentação pelo governo João Goulart, a partir de 1963, do funcionamento dos sindicatos dos trabalhadores rurais, até então proibidos por lei, também cresceu significativamente (STÉDILE, 1997, p. 14).

Finalmente, organizaram-se diversas pastorais da Igreja Católica, algumas progressistas, de apoio aos camponeses, como o Movimento de Educação de Base (MEB) e a Juventude Agrária Católica (JAC), e outras conservadoras dirigidas por bispos que tinham como principal objetivo evitar que os camponeses fossem influenciados por teses comunistas. Surgiram, assim, as Frentes Agrárias Católicas, que em cada estado ou diocese assumiram um nome específico. As mais conhecidas foram a Frente Agrária Gaúcha (FAG), o Serviço Pastoral de Pernambuco (Soripe) e o Serviço de Apoio no Rio Grande do Norte (Sarn) (STÉDILE, 1997, p. 14).

Em 1975, é criada a Comissão Pastoral da Terra (CPT) pelos setores progressistas do clero católico, visando à organização e conscientização dos camponeses. Desde então, a CPT, vinculada à Igreja Católica, tem-se dedicado ao esforço de registrar sistematicamente todos os conflitos que ocorrem no meio rural brasileiro (STÉDILE, 1997, p. 29).

Os setores progressistas da Igreja Católica e da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECBC) tiveram um papel ímpar na formação do MST. Os agentes de pastoral representantes dessas instituições religiosas politizaram os conflitos sociais decorrentes das contradições agrárias que se salientaram com o tratamento dado à questão agrícola pelos militares.

A atuação dos integrantes da Igreja Católica foi fundamentada na Teologia da Libertação, que surgiu na década de 1960 como movimento teológico que pretendia adequar a Igreja Católica latino-americana à realidade social e cultural autóctone. O paradigma para essa nova prática pastoral foi o Concílio Vaticano II, em 1962, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, na Colômbia, em 1968, e a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla, no México, em 1979.

A partir do Concílio Vaticano II e das II e III Conferências do Episcopado Latino-Americano, houve uma ruptura da Igreja latino-americana com a teologia tradicional, de mentalidade colonizadora. Podemos dizer que a Igreja passou a identificar-se com as camadas subalternas latino-americanas, que eram fustigadas em sua realidade social e econômica pelo capital (SILVA, 2004, p. 46-47).

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil teve papel relevante no desenvolvimento da Teologia da Libertação. Mas nos detemos, preferencialmente, à contribuição da Igreja Católica para a nova práxis teológica, pois os agentes de pastoral e religiosos católicos identificados com a Teologia da Libertação foram os principais responsáveis pela mobilização dos sem-terra da região do Alto Uruguai, área de origem dos integrantes do assentamento Integração Gaúcha.

De forma efetiva, a Teologia da Libertação consubstanciou-se num paradigma para a organização dos movimentos sociais e para participação política dos oprimidos. Para isso, as comunidades eclesiais de base (CEBs) foram espaços ricos para a socialização política e conservação da organicidade dos grupos subalternos. Nesses microespaços, era desenvolvido o conceito de autonomia e libertação a partir de leituras de passagens bíblicas e da análise da problemática social na qual os integrantes estavam inseridos (SILVA, 2004, p. 47).

No Brasil, a influência da prática pastoral orientada pela Teologia da Libertação foi responsável pela proliferação de vários movimentos sociais, entre eles o MST. No fim da década de 1970, as CEBs e a Comissão Pastoral da Terra faziam o trabalho de conscientização política dos camponeses. Por meio de suas atividades, procuravam capacitar o sem-terra a ser sujeito autônomo e participativo com condições de compreender a raiz estrutural de sua exclusão (SILVA, 2004, p. 49).

O MST foi gestado a partir da conscientização política promovida pelas CEBs e grupos da CPT. Percebem-se, ainda hoje, na organização do movimento, elementos teóricos e objetivos identificados com a Teologia da Libertação, como, por exemplo, a democracia direta e a participação autônoma dos militantes. Conforme destacamos anteriormente, a Teologia da Libertação tinha a intenção de refletir a cultura popular para professar a fé cristã e libertar o povo.

A alteração subjetiva do ideário dos sem-terra foi produzida inicialmente por vários fatores ligados à ordem econômica, no caso, a crise da pequena agricultura, que sofria com o novo padrão modernizante de produção capitalista no campo. Também o foi por fatores de or-

dem política, com a crise de legitimação do regime militar e ascensão dos movimentos populares, e de ordem ideológica, com a fundamentação da Teologia da Libertação para a construção de um agente (movimento) popular para conquistar melhores condições de vida com caráter permanente e radical (SILVA, 2004, p. 50).

A alteração subjetiva foi essencial para o surgimento do MST, pois proporcionou o convencimento político de que o sem-terra necessitava para atuar por meio da identificação de sua história com a religião. A concepção de mundo dos sem-terra, assentada na manutenção da ordem, foi desconstruída, passando a se fundar na sua subordinação econômica e política a partir da lógica da injustiça social, difundida pelos agentes da pastoral. Portanto, a perspectiva de visão imobilista tradicional relativa à acumulação foi transferida para uma nova dinâmica que mobilizou os sem-terra: a distribuição (SILVA, 2004, p. 51).

A educação representa o exercício pedagógico de reflexão e construção da autonomia intelectual dos sem-terra com base na leitura do contexto no qual estão inseridos.

Essa prática é herança da intervenção dos agentes de pastoral, identificados com a Teologia da Libertação. A atividade dos religiosos [...] foi no sentido de politizar a luta dos sem-terra, ou seja, de conscientizá-los da necessidade de constituir coletivamente uma organização capaz de enfrentar o Estado e os latifundiários, para conquistar a terra prometida [...] o objetivo central da metodologia empregada pelos agentes da pastoral era estimular valores tais como autonomia política e intelectual, organização comunitária e análise coletiva da realidade social e econômica (SILVA, 2004, p. 76).

Os fatores econômicos e sociais que afetaram a produção familiar do Alto Uruguai não foram os únicos a contribuir para o surgimento do MST. A religião, articulada com a conjuntura nacional de mobilização popular contra a ditadura militar na transição da década de 1970 para 1980, forneceu o subsídio teórico ao camponês para sua organização pela conquista da terra. Isso foi possível devido ao fato de a cultura popular local ser extremamente religiosa e ser quantitativa a presença de religiosos e religiosas representantes da Teologia da Libertação (SILVA, 2004, p. 37).

O MST representaria, também, a retomada da ideia de comunidade local através da identificação territorial? Outros aspectos da prática interna do MST também apontariam o aprofundamento da vivência comunitária, numa perspectiva cristã, como nos alerta Paiva (2003, p. 83-84):

O objetivo de restaurar a comunidade perdida é norteado por uma disposição cristã, cuja influência pode ser detectada nas propostas que vão de Rousseau a Marx, sempre calcada na proposição da comunhão, porque “comunhão em seu princípio e fim reporta ao signo do corpo místico de Cristo”. Há inúmeros casos na história do cristianismo que apontam na direção da formação de comunidades. [...]. Um dos propósitos básicos do ideal de comunidade é que nela o indivíduo encontra-se ligado, em relação. Deixa de ser aquele ser sozinho que a sociedade industrial produziu. Porque, na estrutura societária, a associação passa a reger a vida dos indivíduos com propósito de aproximação. A visão de que o indivíduo justifica sua existência a partir da relação com os outros, na medida que possuem interesses comuns, sugere que algo está sendo criado, e que, portanto, não é inerente à natureza do homem.

O fim da década de 1970 e início dos anos 1980 foram marcados pela implementação da abertura política do regime militar, o que significou, na prática, o processo de redemocratização da sociedade brasileira, com vários movimentos sociais emergindo de lutas específicas em todo o cenário nacional. Esse processo abriu caminho para o surgimento e a estruturação do MST.

As lutas desenvolvidas no Rio Grande do Sul, de 1979 a 1984, foram essenciais para a consolidação do MST. As conquistas obtidas no processo de ocupação das fazendas Macali, Brilhante e Encruzilhada Natalino foram paradigmáticas para o estabelecimento nacional do movimento, pois delinearam duas de suas dimensões organizativas: a dimensão política (o movimento concluiu que a única forma para conquistar a terra é por meio da mobilização dos sem-terra) e a dimensão ideológica (os sem-terra passaram a elaborar um instrumental teórico capaz de responder à objetividade histórica em que estavam inseridos, no qual a Teologia da Libertação foi fundamento central) (SILVA, 2004, p. 45).

Assim, o MST é criado em 1984, em Cascavel, no Paraná, com representantes de dezesseis estados e já se configura como movimento social, no sentido de que é constituído por atores coletivos, articulados em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força na sociedade civil.

As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços

coletivos não-institucionalizados. Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política (GOHN, 1997, p. 251-252).

O MST se transformou num grande movimento social popular, muito bem estruturado e completamente consolidado. Ao contrário das Ligas Camponesas e de outros movimentos de trabalhadores rurais que o antecederam, o MST se tornou conhecido internacionalmente, projetando a luta dos sem-terra do Brasil no mundo inteiro.

A base de sua atuação é no meio rural, junto a trabalhadores rurais de origens diversas. Muitos já foram pequenos proprietários, outros eram assalariados segundo várias modalidades de relação de trabalho (usualmente via relações diretas, sem contrato social), e outros, ainda, são de origem urbana, viviam nas periferias das cidades de diferentes regiões do Brasil (GOHN, 2000, p. 105).

1.2 Comunicação Grupal Libertadora como Elemento Facilitador da Organização Política

A comunicação grupal libertadora como nova forma de estruturação do trabalho de catequese da Igreja Católica acabou tendo ampla repercussão no processo de organização dos movimentos sociais. O método ver, julgar e agir passou a ser usado no processo de atração de jovens para o ingresso na carreira religiosa. Os movimentos sociais, sindicatos e até partidos políticos passaram a adotar, também, muitas das es-

estratégias usadas pela comunicação grupal libertadora em seus processos de organização interna e externa.

Internamente, a Igreja passava por um processo de questionamento do sistema capitalista e dos meios de comunicação de massa e isso se refletiu em encíclicas como a *Mater et Magistra*, a *Populorum Progressio*, a *Octogesima Adveniens*. Esse movimento levou os cristãos a adotar uma atitude de intervenção social, saindo do assistencialismo e ingressando na militância política.

A nova atitude dos membros da Igreja Católica acabou tendo forte influência nos movimentos de libertação na América Latina nos anos 1970 e, sobretudo, nas atividades em comunicação. Surge, então, a associação entre as práticas comunicativas e os processos de libertação social, consolidando o conceito de comunicação libertadora.

A comunicação libertadora compreende experiências que diferem entre si por alguns matizes operativos e por isto recebem denominações diferentes, tais como comunicação dialógica, participativa, alternativa popular e comunitária. Todas elas, incluem, de uma forma ou outra, situações de comunicação grupal. [...]. A comunicação grupal libertadora é resultado da conjunção de três grandes processos: o processo da comunicação; o processo da dinâmica grupal; o processo da libertação (TERRERO, 1988, p. 198-199).

1.3 Comunicação Grupal Libertadora

A reflexão crítica sobre os meios de comunicação de massa esteve presente dentro da Igreja Católica durante boa parte dos anos setenta e oitenta do século XX, sempre articulada com os questionamentos sobre a expansão do capitalismo

e do sistema neoliberal e sua exclusão crescente de segmentos cada vez maiores da sociedade.

Os meios de comunicação social, que constituem um dos mecanismos mais representativos do intercâmbio comunicacional entre as classes, do modo como funcionam atualmente, em geral agem de forma destrutiva, no sentido da “desconfirmação positiva”: mesmo que seus conteúdos pareçam amáveis e comedidos, informativos e divertidos, a outra dimensão de sua mensagem total “desconfirma” a maioria da população, ignorando as pessoas e tratando de “massificar” ou despersonalizar (TERRERO, 1988, p. 18).

É fundamental destacar a importância do grupo como elemento de resistência às tentativas de manipulação da mídia:

Daí a importância defensiva do grupo neste macrodiálogo. Está havendo cada vez mais uma convergência de critérios no sentido de ver no grupo e na comunicação grupal o único antídoto, o último baluarte da pessoa contra a despersonalização em massa da comunicação social (TERRERO, 1988, p. 18).

Existe uma relação estreita entre a comunicação grupal libertadora e o desenvolvimento de uma consciência crítica:

Trata-se [...] de construir conjuntamente e na prática real da vida, um *novo tipo de relação humana*: a relação do diálogo fraternal e da cooperação de um movimento próprio, que oriente na luta por uma vida melhor. E, ao mesmo tempo, trata-se de desenvolver juntos um *novo tipo de consciência*, a consciência crítica (TERRERO, 1988, p. 22).

O fundamental na comunicação grupal libertadora é “o próprio processo de comunicação entre as pessoas e não os meios de comunicação que eventualmente utilizem”, os quais não têm outro objetivo a não ser fortalecer e facilitar a comunicação interpessoal (TERRERO, 1988, p. 84).

Poderíamos classificar a comunicação grupal libertadora como uma prática de comunicação comunitária, na acepção de Paiva (2003, p. 48):

Dentro de um esquema de *comunicação comunitária* – aquela orientada não por uma lógica puramente empresarial, mas principalmente por determinações grupais ou comunais – importam muito mais os objetivos e o comprometimento entre as partes, para se alcançar metas programadas, do que o uso de x ou y sistema de comunicação.

Appelbaum et al. (1979, p. 20 apud TERRERO, 1988, p. 108-109) explicam as características do processo de comunicação grupal:

A comunicação grupal ocorre em *sistema*, que implica conexão entre todos os seus elementos e dimensões.

Implica, também, que as dimensões da comunicação grupal são ao mesmo tempo *causa e efeito*. Por exemplo, em alguns casos a mensagem influencia as outras dimensões e vice-versa.

A comunicação grupal é *dinâmica*, é processo, atividade que se dá no tempo e muda constantemente.

A comunicação grupal é *complexa*: todas as dimensões agem ao mesmo tempo e as características de cada dimensão mudam continuamente enquanto agem.

A sistematização das fases ou etapas que definem a comunicação libertadora aponta o grupo como elemento animador, segundo Terrero (1988, p. 108-109):

[...] a *mensagem-meio* proporciona a aproximação à realidade.

O problema colocado é discutido, *refletindo* sobre ele, e se obtém certo grau de *conscientização*. Tudo isto através do diálogo.

São efetuadas *ações libertadoras*, relacionadas com o problema colocado.

Avalia-se todo o processo para evitar os mesmos erros e avançar.

Ao descrever a comunicação grupal libertadora como processo, Terrero (1988) tenta desvendar os elementos que desencadeiam a formação do grupo: a exploração leva à organização. A meta do grupo formado, então, seria combater essa exploração. Um grupo libertador atravessa várias etapas em seu processo de constituição: na primeira etapa, os grupos se estruturam pelo desejo de se relacionar com aqueles que estão próximos a eles. Na segunda etapa, os grupos se autodeterminam através de seus objetivos. E, na terceira etapa, os grupos se projetam através de ações que visam à concretização de seus objetivos.

A contextualização do cenário histórico em que surgem as condições para o aparecimento de experiências de comunicação participativa grupal e como se dá a interação entre comunicadores e o povo é muito importante:

Um aspecto difícil de esclarecimento é como deve ser a colaboração entre o povo e os especialistas da comunicação, já que o povo geralmente não possui o treinamento necessário. Precisam que os ideólogos se sentem com os representantes do povo para escolherem os temas cen-

trais. Os artistas devem preparar rascunhos (se são roteiros ou estórias) junto com o povo. Não apenas para que a produção, mas também para que se adapte à realidade lingüística e cultural do povo e para que se mantenha o princípio da participação popular em tudo o que lhe diz respeito. Trata-se de levar adiante um processo educativo e participativo, mais que atingir uma meta de produção de material AV [audiovisual]. Quem toma as decisões importantes é o povo (TERRERO, 1988, p. 118).

Como bem frisa Terrero (1988, p. 119), “a meta de uma instituição dedicada à comunicação popular deve ser de maximizar a expressão da palavra do oprimido”. Para tanto, deve-se considerar o que se produz antes das reflexões do grupo e aquilo que o grupo pensa e produz tem relevância para a sociedade.

As pessoas que não sabem ler nem escrever têm, na experiência concreta, sua forma preferencial de relação com a realidade: “Quanto menos escola tenha o homem cursado, mais estará ligado ao concreto. Por isso, aprenderá mais pela imagem que pela palavra, pela realidade da sua existência mais que pelo ensino teórico” (TERRERO, 1988, p. 123).

Não existe organização política sem diálogo. A discussão leva à reflexão e consequentemente à ação:

A mudança social depende da conscientização através da comunicação dialógica, conjuntamente com a organização política. A organização política é decisiva e crucial no sentido de garantir o êxito da mudança, mas desde que surja da sistematização teórica, fruto do diálogo e da participação. Caso contrário, a organização política será vertical, impositiva, paternalista, caudilhistas, populista. E eventualmente fracassará. A organização política só é libertadora quando acompanhada de um diálogo humanista (TERRERO, 1988, p. 129).

Houve um impulso à comunicação grupal:

A partir do final da década de cinquenta, a animação de grupos desenvolveu-se consideravelmente, assim como todas as teorias psicossociológicas a ela relacionadas. São os sinais de uma nova era de liberdade e socialização, talvez como uma reação diante dos excessos de despersonalização e massificação da era eletrônica (TERRERO, 1988, p. 142).

Terrero (1988, p. 150) enumera três etapas da comunicação dialógica. Ele explica como o meio audiovisual ajuda no processo de instrução. Depois, numa segunda etapa, mostra como a Juventude Operária Católica (JOC) francesa torna muito conhecido o método “ver, julgar e agir”.

O momento do surgimento da comunicação grupal libertadora dentro da Igreja Católica é identificado por Terrero (1988, p. 159-160):

As posições ideológicas das camadas mais dinâmicas da Igreja foram assentadas na reunião do CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano) em Medellín (1968). Suas diretrizes básicas em comunicação são: “As técnicas e os meios de comunicação social ...(são)... um instrumento necessário e adequado para a educação social, a conscientização em prol da transformação de estruturas e a vigência da justiça” (Medellín). Mas muitos MCS [meios de comunicação social] estão vinculados a interesses econômicos e políticos e tratam de manter o “statu quo”. É preciso procurar soluções: “educação libertadora” (Os MCS podem educar?)... Como se vê, são retomadas as colocações sobre comunicação feitas em Santa Inês, de descontentamento com os meios de massas, mas acrescentando o elemento libertador.

Segundo a Associação Mundial para a Comunicação Cristã (WACC, sigla em inglês), a partir de 1976:

[...] Meios grupais, dentro do marco de referência da WACC, são aquelas atividades de comunicação onde o processo envolve apresentação ao vivo e/ou experiência onde o povo participa diretamente. Portanto, os meios grupais incluem, por exemplo, formas de comunicação que: destacam as formas indígenas de comunicação e que exprimem a cultura distintiva dos diversos povos; estimulam a expressão e a reflexão em encontros frente a frente; facilitam a discussão; trazem os meios para perto das pessoas colocando-os sob seu controle; são interpretados através da expressão criadora que envolve os indivíduos dedicados e grupos de pessoas interessadas; os pequenos grupos são a meta da sua audiência; retomam formas tradicionais de comunicação; sua orientação é o desenvolvimento da consciência social e da percepção crítica; e não dependem de uma equipe eletrônica cara (WACC Journal, 1977 apud TERRERO, 1988, p. 169).

O conceito de comunicação participativa consolidado no primeiro seminário latino-americano de comunicação participativa, que aconteceu no Centro Internacional de Estudos da América Latina (Ciespal), Quito, em 1978, é entendido por Terrero (1988, p. 187) como:

[...] o processo social mediante o qual protagonistas com interesses não-antagônicos constroem em comum discursos que podem ser utilizados como instrumentos de luta para a modificação real das suas condições de existência, para a mudança das estruturas de poder econômico, político, social e cultural dominante e para inverter as formas de comunicação vigentes.

Existem cinco perspectivas principais no âmbito da comunicação grupal libertadora (OLIVEIRA, 1977 apud TERRERO, 1988): os instrumentalistas, que provêm dos grandes meios de comunicação; os educadores, que falam de comunicação grupal mais que de “meios” grupais; os teóricos, que estão preocupados com a sistematização das ideias; os estéticos, que valorizam mais a nova cultura produzida pela civilização da imagem do que a sociopolítica; e os comunicadores populares, que acreditam que o povo pode fazer e administrar suas experiências de comunicação.

Terrero (1988, p. 193) apresenta um painel amplo da comunicação para a libertação, dividindo essa análise em três aspectos: a ação transformadora, que age nos níveis macro-estrutural, microestrutural, grupal-comunitário e individual; a organização, que envolve politização, organização de base e mobilização; e a conscientização, que se relaciona com educação libertadora, reflexão crítica, diálogo e participação e conhecimento da realidade.

Há um ponto de confluência entre a comunicação dialógica e a participativa:

Um conceito bastante próximo ao da comunicação dialógica é o da comunicação participativa. Existe participação quando, além de ouvir ou ver (acesso) um meio de comunicação, se toma parte na elaboração de programas através desse meio (TERRERO, 1988, p. 203).

O povo se liberta por seus próprios meios. Numa sociedade participativa, surge uma nova ordem mundial de informação e comunicação. Terrero (1988, p. 248) propõe o seguinte modelo global de libertação: a conscientização viabiliza o conhecimento da realidade, o diálogo e a participação, a reflexão crítica e a

educação problematizadora. A organização leva a uma mobilização de massas, à organização de base e à politização. A práxis através da comunicação libertadora, da animação e da dinâmica de grupos leva a uma ação transformadora do indivíduo, do grupo/comunidade, das microestruturas e das macroestruturas.

Terrero (1988, p. 254-255) se apoia no modelo de conscientização proposto por Paulo Freire através da educação libertadora, destacando o papel da comunicação. Na primeira etapa desses processos de conscientização, ele identifica os promotores que através do diálogo com o povo levam a um conhecimento da realidade objetiva compartilhada no que se refere a recepção/reflexo e prática social. Na segunda etapa, esses promotores estabelecem com o povo uma programação conjunta da ação pedagógica. Na terceira etapa, a organização dos grupos básicos leva a uma ação transformadora. À medida que o tempo passa, o promotor vai desaparecendo, e a organização popular fica em seu lugar. Cada participante é um comunicador do grupo e um educador de si mesmo e de seus companheiros.

O aprendizado no campo educativo é constante. Para Terrero (1988, p. 288-289):

[...] o processo educativo não se separa do processo de participação coletiva na transformação do ambiente físico e social. O homem transforma a si mesmo – educa-se – participando na transformação do seu ambiente: A educação consiste em facilitar esta participação. Aprende-se mediante a experiência vivida. O chamado “ciclo de aprendizagem por experiência” do professor Jorge Gabriel Rodríguez, do México, por exemplo, inclui o seguintes passos: [...] experimentar [...], comunicar [...], interpretar e avaliar [...], generalizar [...], aplicar.

Terrero (1988, p. 291) sintetiza a educação problematizadora reportando-se ao “esquema do arco”, de Charles Maguárez:

[...] o processo educativo parte da realidade, apela para o geral e abstrato (teoria) para entender melhor um determinado problema ou assunto, e volta à realidade aplicando as soluções derivadas da reflexão sobre a práxis.

Algumas tendências são identificadas na formação dos animadores populares:

[...] a formação deve reforçar um processo de amadurecimento político global, no sentido da libertação popular. [...] deve conscientizar os futuros animadores sobre a importância da comunicação e sobre o seu papel no trabalho grupal ou comunitário (TERRERO, 1988, p. 302).

Os conteúdos de formação dos animadores devem englobar os seguintes aspectos (TERRERO, 1988, p. 304): o que é problematizar, o processo de libertação, o processo de comunicação na sociedade, a educação atual *versus* educação libertadora, a comunicação popular e a diversidade de mensagens e meios, o planejamento e a avaliação, a pesquisa participativa, as técnicas de animação e participação, as técnicas de ensino e de aprendizagem.

No campo da comunicação educativa, grupal ou não grupal, não são poucos os que acham indispensável a pesquisa como fundamento para a ação (TERRERO, 1988, p. 306):

No que se refere à inserção, no processo de libertação foi conceituada como estando estreitamente vinculada à práxis do grupo, através das suas três grandes vertentes: a conscientização, a organização e a ação transformadora.

Terrero (1988) destaca os temas de pesquisa sobre comunicação grupal libertadora: graus e formas em que a comunicação grupal libertadora, praticada no âmago da sociedade civil, consegue enfrentar a comunicação de massas oficial e comercial; filosofia das instituições que praticam a comunicação grupal; grau de participação dos grupos populares na elaboração das mensagens-meios; formas de percepção de códigos escritos, visuais, auditivos e audiovisuais por parte das classes populares; grau de participação dos usuários na utilização das mensagens-meios; especificidade das mensagens-meios para os diversos momentos e objetivos da comunicação grupal libertadora; e especificidade das mensagens-meios na dinâmica grupal.

2

A MÍSTICA COMO PRÁTICA DE COMUNICAÇÃO GRUPAL LIBERTADORA NO MST

Como a mística, prática de comunicação grupal do Movimento Sem Terra, chega a constituir uma prática libertadora? Usada nas mais diversas situações, sempre como instrumento de abertura dos trabalhos, a mística integra elementos de reflexão, de arregimentação para a luta e de convencimento e ratificação dos compromissos firmados pelo movimento.

É necessário também compreender o processo de formação dos sem-terra, para avaliar o significado da mística para o MST.

[...] Ser do movimento significa participar não apenas da luta pela terra mas também de uma organização com objetivos sociais e políticos mais amplos, que cada vez se multiplica em novas dimensões de atuação e complexifica suas formas de mobilização e suas estruturas de participação. Quem é do MST experimenta o sentido de fazer parte de uma coletividade que funciona de acordo com determinados valores e princípios e que, ao mesmo tempo, se constitui como uma grande família, cujos laços afetivos independem do parentesco ou mesmo do conhecimento direto de todos os seus membros, até porque eles aumentam e se modificam a cada dia (CALDART, 2004, p. 201).

Há outros aspectos de caráter mais subjetivo na composição da mística, segundo Caldart (2004, p. 208-209):

[...] Não é simples explicá-la, exatamente porque sua lógica de significação não se expressa tanto em palavras mas muito mais em gestos, em símbolos, em emoções. Na própria palavra está contido o limite de sua compreensão: mística quer dizer *mistério*, ou seja, se for completamente desvelada perderá a essência do seu sentido. É por isso que no Movimento se costuma concordar com a afirmação segundo a qual a mística *é uma realidade que mais se vive do que se fala sobre ela* (Peloso, [...]). Mas, de qualquer modo, é possível identificar alguns elementos desse sentido para podermos compreender como participam da formação dos sem-terra.

A mística está relacionada ao cultivo da memória, resgatando experiências históricas importantes para o movimento, e à dimensão cultural, que projeta a imagem do MST através de seus símbolos.

No momento em que Caldart (2004, p. 105) se refere ao processo de organização do MST, ela se reporta a alguns elementos que podem explicá-lo:

Um primeiro fator ou elemento foi o trabalho pastoral que vinha sendo realizado junto à população do campo através das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), que já existiam desde o começo dos anos sessenta e que se tornaram, na primeira metade da década de setenta, um importante foco de resistência popular à ditadura militar. Este trabalho foi ainda mais fortalecido com o surgimento da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em 1975 que, trabalhando em conjunto com as paróquias nas periferias das cidades e com as comunidades rurais, passou a contribuir na organização e na luta dos trabalhadores.

A mística é uma vivência muito forte dentro do MST, refletindo a forma de ser, de pensar e de agir do movimento:

A palavra e boa parte do seu sentido o MST trouxe como herança de sua relação de origem com a Igreja, por sua vez já misturada com a própria cultura camponesa, acostumada a atribuir novos significados às coisas da natureza com as quais convive e trabalha todo dia, geralmente vinculados a sonhos de uma vida melhor. Se *terra é mais do que terra*, uma bandeira pode ser mais do que uma bandeira; uma cruz pode ser mais do que uma cruz; uma foice..., uma canção..., um grito..., uma escola... A mística é exatamente a capacidade de produzir significados para dimensões da realidade que estão e não estão presentes, e que geralmente remetem as pessoas ao futuro, à utopia do que ainda não é, mas que pode vir a ser, com a perseverança e o sacrifício de cada um. É uma experiência pessoal, mas necessariamente produzida em uma coletividade, porque o sentimento que lhe gera é fruto de convicções e de valores construídos no convívio em torno de causas comuns. Nesse sentido, pode-se dizer que o MST resignificou a própria experiência da mística, ainda que mantenha sua raiz cultural e utilize símbolos muito semelhantes a dos grupos que lhe deram origem (CALDART, 2004, p. 210).

O MST forja uma nova forma de fazer política, uma nova forma de fazer escola, uma nova forma de viver a vida: sem luta nada se conquista; uma organização em movimento; tudo é um processo permanente; disciplina, disciplina, disciplina; ver, julgar e agir; teoria, prática, teoria; prática, teoria, prática.

A prática política e a mística estão interligadas. Para Betto e Boff (2008, p. 19):

Inúmeros militantes políticos, sobretudo quando ainda não chegaram ao poder, vivem essa mística, a ponto de aceitarem, na tortura, antes morrer do que trair a causa que abraçaram. As adversidades de uma prática política oposta à situação dominante são, por vezes, comparáveis à disciplina ascética necessária à dilatação mística: as privações físicas, o anonimato na clandestinidade, a fé no processo histórico e no povo, a esperança de vitória, a dom de si a cada momento de risco etc. Ainda que não haja uma consciência teológica dessa experiência, é inegável que toda prática de amor – na qual o bem dos outros se coloca acima do próprio bem – é a realização plena do mistério de Deus na vida humana.

Betto e Boff (2008, p. 97-98) nos mostram a trajetória da contemplação à ação:

Todos somos protagonistas da passagem de uma espiritualidade de desconfiança do mundo, de consolo, de abnegação, de identificação com a paixão de Jesus, de expiação, de salvação individual, para uma espiritualidade da militância, mudança do mundo, do homem novo, da mulher nova, da sociedade nova, do Reino de Deus como principal desafio, sem que muitas vezes tenhamos conseguido fazer bem a síntese. Somos a primeira geração a passar de um pólo a outro; é normal que não consigamos ter um resultado de síntese nessa dialética. Vive-se num conflito – os momentos acentuados de oração e recolhimento, e os de militância e luta –, sem conseguir integrar as duas coisas. Como se vivêssemos em esferas diferentes e ficassemos obrigados a oscilar entre as duas. Daí essa ideia de que “o pessoal da Teologia da Libertação, da pastoral popular, é o pessoal da ação, da construção do mundo” e o pessoal do movimento carismático é o pessoal da oração, da mística,

da contemplação. Em Jesus não havia essa dualidade. E ele é o nosso mestre espiritual por excelência.

A Teologia da Libertação fez parte do processo de constituição da identidade de Leonardo Boff:

Estudei muito na vida, em muitos lugares no Brasil e no estrangeiro. Nos anos 70, ao regressar da Europa, caí no Brasil real, dos 2/3 dos pobres e excluídos. Junto com Gustavo Gutiérrez, do Peru, e Juan Luiz Segundo, do Uruguai, elaborei uma teologia comprometida com esses expropriados que ficou sendo conhecida como teologia da libertação, a primeira teologia dos tempos modernos produzida na periferia da galáxia eclesial e com significado universal (BETTO; BOFF, 2008, p. 203).

Outro elemento presente no MST decorrente da Teologia da Libertação, calcado na comunicação grupal libertadora, é o da mística. Para os agentes da pastoral identificados com a Teologia da Libertação, mística é sinônimo de mistério, aquilo que é revelado por intermédio da simbologia e que permite a identificação do indivíduo com o grupo.

A pessoa é levada a experimentar, por meio de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e gestos rituais, uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado e fechado. Importa enfatizar o fato de que mistério está ligado a essa vivência/experiência globalizante.

O MST realiza a mística para promover a identificação cultural dos sem-terra nesse processo, a simbologia (danças, dramatizações, cantos, rituais) representa aquilo que é expresso corriqueiramente pelo diálogo verbal:

[...] o sentimento de crença na mudança da sociedade é socializado pela totalidade do grupo, o movimento, por meio de símbolos sínteses, como uma música que fale da luta histórica do camponês, como as ferramentas de trabalho do camponês, ou por uma dramatização que remonta a uma passagem histórica do grupo ou de uma liderança relevante para o MST, como Paulo Freire ou Che Guevara (SILVA, 2004, p. 52).

Para Vieira (2008, p. 2-3), “a mística enquanto ritual é aqui compreendida como um complexo de ações simbólicas que busca a construção da identidade de um sujeito político através da formação da subjetividade dos indivíduos”.

Analisando a função da mística na plenária do V Congresso do MST, realizado no Rio de Janeiro, no período de 11 a 15 de junho de 2007, afirma Vieira (2008, p. 4-5):

A mística na plenária aparece como forma de reforçar a identidade de sem-terra e de camponês, busca integrar ainda mais as pessoas na luta pela reforma agrária e podemos dizer que gera solidariedade. A mística aparece como uma das maiores expressões no que se refere também a coesão e reafirmação da necessidade de luta pela reforma agrária no país. No congresso, elas, nas plenárias, ressaltaram a participação de jovens, mulheres e crianças no processo de luta que demonstra o caráter democrático e de igualdade, e a necessidade da ação de todos para a construção da nova sociedade foi ressaltado em vários momentos nas falas dos convidados e de integrantes do movimento. As místicas representadas apresentavam a opressão do estado e a resistência do MST, durante os governos, além da ação das entidades ruralistas que se contrapõe às ações do movimento, buscava expressar que existe uma luta de classes e um opo-

nente a ser combatido e que o estado ainda está a serviço destes grupos. Durante todo o congresso um dos aspectos visíveis foi a identificação deste inimigo, representado hoje pelo “agronegócio”. O poder do simbolismo e do ritual em definir a realidade política ficou evidente com a apresentação de um vídeo que mostrava o evento da morte dos sem-terra em Eldorado dos Carajás, que foi seguido de grande comoção por parte de algumas pessoas. Utilizando as proposições de Kertzer [...] podemos dizer que a ritualização, no caso do autor se referindo à morte de Stalin, e aqui se pode pensar em relação às mortes do episódio citado, gera solidariedade, produzindo uma visão da realidade política, e identificando efetivamente o inimigo. Este aspecto permeou várias falas e místicas e procurou-se deixar claro que o combate deste oponente só será conseguido pelos trabalhadores e através da união dos movimentos sociais e de todos os trabalhadores.

Reconhecendo a importância da Teologia da Libertação na formação do MST, Stédile e Fernandes (1999 apud ALCÂNTARA; JUSTOS, 2006) caracterizam como mística o elemento religioso no MST que permanece como forma de união entre os membros do movimento. A mística no MST é uma prática comunicacional e há nela uma influência da Igreja no sentido de ser um fator de unidade, de vivenciar os ideais; porém, procura-se que a mística não seja somente uma liturgia propriamente dita. A mística deve fazer parte da vida cotidiana, não pode ser um momento à parte, é sentimento canalizado em direção a um ideal alcançável. Assim, o MST procura “fazer a mística”, quando, em cada atividade do movimento, ressalta o projeto global, traz para o cotidiano o projeto de conquistar o lugar prometido para todos.

Nascimento e Martins (2008, p. 109) refletem sobre a dimensão espiritual da mística:

Dessa forma, a mística no e do MST se constitui um *aphantésis* (em grego: encontro) com o Deus da Vida. Esse encontro insere os sujeitos históricos do movimento na vocação permanente para “**Ser Mais**”, ser gente que quer brilhar e sonhar com uma nova sociedade. Neste sentido, queremos provocar reações críticas para que se possa entender as práticas do MST como um ato de misticidade que acontece no cotidiano de suas lutas e resistências.

O artigo de Nascimento e Martins (2008, p. 110) objetiva mostrar o que denominam pedagogia da mística a partir das experiências do MST e de seus atores coletivos, que se fortalecem pela espiritualidade, para continuar a caminhada de lutas, de engajamentos e de busca constante por uma sociedade mais justa e solidária.

Nascimento e Martins (2008, p. 110) falam sobre a evolução do conceito de mística através dos tempos:

A mística é uma adesão pessoal a um projeto de vida a ser vivido em comum por um grupo social, ou seja, por um determinado coletivo de pessoas. Os cristãos possuem sua mística. Na tradição cristã existem muitas formas de mística nas diversas denominações. Os católicos, os anglicanos, os luteranos, os ortodoxos, os evangélicos enfim, cada um vive a sua mística/espiritualidade. E, ainda, no interior de cada denominação religiosa existem grupos que vivem diferentemente o projeto místico.

As relações entre MST e Teologia da Libertação são muito próximas:

Como ser gente, pessoa humana, num mundo de miseráveis? É nesse cenário que o MST recebe a influência da Teologia da Libertação, como o próprio dirigente do movimento, Gilmar Mauro, destaca por meio das palavras da socióloga Maria da Glória Gohn: *Sabemos que o movimento surgiu da articulação de idéias da esquerda marxista com pressupostos cristãos da Teologia da Libertação. Segundo Gilmar Mauro, um dos principais dirigentes a nível nacional do MST, o movimento teria trazido três “coisas boas” da Igreja. A primeira: trabalhar com a simbologia, a mística de trazer o futuro para o presente. A segunda: o vínculo com as bases, o povo propriamente dito. E a terceira: o espírito missionário. “Nós nos vemos como sacerdotes que estão cumprindo uma missão política”* (GOHN, 2000, p. 116 apud NASCIMENTO; MARTINS, 2008, p. 117).

A mística leva o indivíduo à ação e, segundo Stédile e Fernandes (1999), a mística serve ao movimento que se organiza na luta social para compor a unidade de seus militantes.

A mística é um elemento que identifica o militante do MST:

A mística se apresenta enquanto celebração que possui uma intencionalidade consciente, o que permite um processo que *mobiliza, educa e politiza* os sujeitos em ação. Isso concretiza duas questões fundamentais ao movimento: a identidade coletivo-cultural e a unidade na diversidade ideológica dos atores sociais. Por isso, Cerioli e Caldart [...] não hesitaram em afirmar que a “*a mística é a alma de um povo. A mística do MST é a alma do sujeito coletivo Sem Terra que se revela como uma paixão, que nos ajuda a ‘sacudir a poeira e dar a volta por cima’.* (...) *A mística é a alma da identidade Sem Terra*” (NASCIMENTO; MARTINS, 2008, p. 120).

2.1 As Místicas dos Estudantes do Curso de Jornalismo da Terra

Durante a etapa presencial do segundo semestre do curso de graduação em Jornalismo da Terra, em julho de 2010, foram gravadas algumas místicas executadas pelos estudantes do curso sempre no início das atividades do dia letivo da etapa presencial.¹

As místicas usam inúmeras estratégias comunicativas. Além do texto, que está presente em todas elas, muitos recursos sonoros (canções) e visuais (cartazes, fotos, *slides*) e técnicas audiovisuais são utilizadas. Em muitas delas, há o recurso a encenações, seguidas de reflexão. Elas podem abordar um único tema ou vários temas ao mesmo tempo. Podem ser longas ou curtas e variam de acordo com a situação.

Os aspectos mais trabalhados na mística são resgate da memória de personagens revolucionários na luta de libertação de segmentos sociais oprimidos e de militantes assassinados; identificação dos objetivos do Movimento Sem Terra, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e Via Campesina; aspectos culturais do MST e do MAB; apresentação de denúncias de situações enfrentadas pelos militantes em suas ações.

A mística é sempre organizada por uma equipe que prepara os textos, seleciona os recursos audiovisuais que serão

¹ O curso de graduação em Jornalismo da Terra, ofertado pela Universidade Federal do Ceará através de termo de cooperação firmado com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, tem como objetivo formar sessenta alunos de vários assentamentos do Brasil. O curso funciona em duas etapas: uma etapa presencial, quando setenta por cento dos conteúdos são vistos, de forma intensiva, em aulas presenciais em Fortaleza, duas vezes por ano, para onde os alunos se deslocam, e uma etapa comunitária, na qual o restante do conteúdo é aplicado em situações concretas e experiências, na área de comunicação, nos assentamentos.

utilizados e fica responsável pela montagem e divisão das tarefas entre aqueles que a executarão.

A mística é uma técnica de comunicação grupal libertadora, porque visa criar, entre seus participantes, um envolvimento concreto nas causas defendidas e uma preparação para enfrentar as situações concretas que virão em seguida. É o momento que antecede à ação em qualquer circunstância enfrentada pelos militantes do Movimento Sem Terra, do MAB ou da Via Campesina.

Na mística realizada em 7 de julho de 2010 (ver Apêndice A), pode-se notar a necessidade de historicizar a origem do MST, do MAB e da Via Campesina, apresentando os objetivos mais importantes desses movimentos.

Na mística executada dois dias depois, a letra da música “Gracias a la vida”, de Mercedes Sosa, evoca a luta de libertação de outros povos da América Latina e do mundo afora. Vários estudantes do curso de Jornalismo da Terra resumem a história de Cuba, Iraque, Palestina, Venezuela, Argélia. O argumento central é a solidariedade entre os povos na luta política de libertação dessas sociedades, numa alusão ao surgimento de um império socialista mundial.

Na mística de 12 de julho de 2010, relatam-se as ações em defesa do meio ambiente e da agroecologia, além de denúncias de práticas nocivas ao meio ambiente efetivadas por várias empresas internacionais. Ao mesmo tempo, há uma reflexão crítica sobre a atuação dos meios de comunicação de massa convencionais, em particular da Rede Globo de Televisão.

Em seguida, numa estrutura formal que lembra uma prática litúrgica da missa católica, o ofertório, os estudantes fazem o pacto de assumir vários compromissos na área da comunicação e da política, lutando pelo acesso à terra, pela

reforma agrária e por políticas públicas que permitam sua adequada exploração; pela preservação da natureza, combatendo as práticas de empresas internacionais nocivas ao meio ambiente; pela democratização da comunicação e pela expansão da comunicação comunitária no campo; pela não criminalização dos movimentos sociais e pela integração dos povos da América Latina na Aliança Bolivariana de Libertação dos Povos Latino-americanos (Alba).

O reforço a uma comunicação alternativa está presente nas seguintes palavras de ordem que finalizam essa mística: “A mídia aliena. Aumenta a repressão. Estamos aqui por outra comunicação”.

O resgate da memória de personagens revolucionários é o tema central da mística de 14 de julho de 2010. A história de Lenin é narrada, de forma resumida, por um dos estudantes, destacando os principais feitos de sua atuação política.

Na finalização dessa mística, no bordão “Globalizemos a luta. Globalizemos a esperança”, identifica-se uma evocação à união de todos os oprimidos em torno da luta pela implantação de uma sociedade socialista no planeta.

Na mística de 16 de julho de 2010, novamente uma remissão às lutas de libertação dos povos em diversos pontos do planeta: crítica à opressão dos povos árabes na Palestina; relato resumido da atuação da Via Campesina no Haiti, com o envio de uma brigada, para auxiliar o povo haitiano em vários setores; Cuba, Venezuela e Honduras. No final, a reiteração do compromisso de união dos povos latino-americanos na Alba é mais uma vez citada através da ação da Via Campesina.

Em todas as místicas realizadas pelos estudantes do curso de Jornalismo da Terra, o último elemento da prática de comunicação foi sempre o canto coletivo da “Internacional

socialista”, cuja letra remete a determinações centrais do Movimento Sem Terra: “uma terra sem amos”, “a terra mãe livre e comum”.

2.2 O Significado da Mística para os Militantes

Ao analisar os sessenta e dois depoimentos dos assentados e assentadas do Assentamento 25 de Maio, em Quieto, Madalena e em Itarema, e dos estudantes do curso de graduação em Jornalismo da Terra da Universidade Federal do Ceará, coletados em julho de 2010, em Fortaleza, que representam assentamentos de quase todos os estados brasileiros, pudemos tirar algumas conclusões.

Avaliando as respostas dos integrantes do MST para a pergunta “O que é mística para você?”, pudemos dividi-las em duas dimensões principais. A dimensão formal capta a mística somente em sua característica de reprodução. As respostas que se encaixam nessa categoria tendem a ser mais superficiais, assimilando os aspectos da mística relacionados a sua execução, apenas arranhando o verdadeiro significado da palavra.

A segunda dimensão principal é a dimensão essencial. As respostas que se encaixam nessa dimensão conseguem capturar o verdadeiro significado da mística, como sendo aquilo que motiva os militantes para a luta. Acenam para os resultados da mística e para sua influência no fervor militante dos assentados do MST.

Alguns depoimentos fazem referência às duas dimensões, enquanto outros, admitindo-se incapazes de compreender a significação da palavra, não fazem referência a nenhuma. Tais respostas compreendem, respectivamente, a terceira e a quarta categoria de compreensão da mística.

Portanto, as quatro categorias de divisão das respostas são: i) dimensão essencial da mística, que captura seu verdadeiro significado; ii) dimensão formal da mística, puramente como reprodução; iii) junção das características das duas anteriores; iv) ausência de características das anteriores.

Na dimensão essencial, encontram-se também funções temáticas, subcategorias que não são definidoras da mística, mas compõem elementos essenciais para seu entendimento. Algumas respostas acentuam uma ou outra dessas funções. A análise do conteúdo das respostas permitiu a identificação das seguintes funções temáticas: política, pedagógica, emocional, doutrinária, histórica, cultural, comunicativa, identitária.

Podemos encarar a mística como forma de avaliação da realidade concreta, na qual os militantes estão sempre fazendo considerações críticas a respeito de situações históricas, tentando recuperar a dimensão da memória, das lutas populares, dos movimentos sociais.

A mística tem um caráter de encenação que passa muito pela necessidade de reviver determinadas práticas, determinadas lutas populares dos movimentos sociais que ajudaram no avanço da conquista de suas reivindicações.

Muitos dos entrevistados encaram a mística apenas por seu aspecto formal, como um exercício, uma prática, a transmissão de uma mensagem verbal, como uma categoria que expressa aspectos técnicos da mística para os militantes. Identificamos essa tendência em 11 entrevistados, de um total de 62 depoimentos, representando 17,74% das consultas.

Maria de Fátima Nunes Maciel, 17 anos, segundo ano do ensino médio, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

É um modo de sabermos nos dar com alguém, é algo que transmitimos para o outro em uma pequena mensagem verbal.

Marcirene Nunes da Silva, terceiro ano do ensino médio, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

É uma forma de passar uma mensagem sem ser necessário usar muito a fala.

Maria Auderice R. da Silva, 38 anos, ensino médio completo, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

É uma forma de expressar sentimentos ou indignação através de gestos e não de atos.

Paulo Roberto Oliveira da Silva, 24 anos, Ubá, Santa Quitéria, Ceará:

Muitas vezes é o momento de homenagear grandes lutadores das classes sociais.

Francisca Josuéia de Almeida e Silva, 45 anos, ensino fundamental, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

Mística é um momento de representar algo que transmite emoção e alegria para quem está assistindo de forma bem recreada.

Antônio Cleidson de Almeida e Silva, 24 anos, assentamento 25 de Maio, Madalena, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Mística é uma forma de se organizar para começar um dia longo de trabalho, para poder dar um pontapé no começo das tarefas que um militante tem que realizar durante o dia.

Felipe de Melo Sousa, 24 anos, assentamento Lagoa do Mineiro, Itarema, Ceará:

É um modo expressível que transmite os reflexos da realidade em que vivenciamos e objetivo que ansiamos alcançar numa sociedade mutante.

Carlos Cosme, 19 anos, São Sebastião de Utinga, Wagner, Bahia:

É uma das maneiras de nós retratarmos nossas lutas, dos nossos companheiros que já foram tombados, temos como caracterização que é a restituição do cotidiano. Temos em nós que a mística não só mostra a realidade do MST, mas também do mundo e é a fotografia da realidade da sociedade, o passado, presente.

Na dimensão formal, Maria Edna da Penha, 19 anos, assentamento Catalunha, aluna do curso de Jornalismo da Terra, reforça o entendimento de se preparar para um momento em que o militante se coloca à disposição para ir à luta:

Mística é um momento especial e que preparamos para os companheiros refletir.

Um outro aspecto observado nas respostas enquadradas na dimensão formal foi a ideia de representação da mística como algo que traz um envolvimento para os militantes. Tais elementos foram observados no depoimento de Riquieli Capitani, 19 anos, assentamento Contestado, Lopo, Paraná, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Mística é a forma que encontramos para representar o movimento, a mesma se dá de forma coletiva, e pode ser representada de várias formas.

Antônio Nunes de Sousa, 60 anos, assentamento 25 de Maio, Quietto, Madalena, Ceará, chama a atenção para a dimensão formal, ressaltando o caráter temporal da mística e definindo quando a mística entra nas manifestações do movimento, ou seja, o impacto da mística dentro do movimento seria no sentido de promover o debate e a discussão:

Mística é a abertura de um evento e de extrema importância para abrir um debate.

Outros militantes, além de destacarem a mística em sua dimensão formal, reportam-se à sua dimensão essencial, ou seja, aquela que revela a mística como “tempero da luta” ou “como a paixão que anima os militantes”, destacando o sentimento de pertencimento que a mística ajuda a reforçar na dimensão identitária dos militantes do MST. Seria a apresentação da mística em sua dimensão predominantemente essencial, que aparece, segundo os militantes, assumindo variadas funções: histórica (registro da memória), valorativa, doutrinária, política, cultural, simbólica, emocional etc.

Dos 62 entrevistados, 12 depoimentos, ou seja, 19,35%, revelaram a mística em sua dimensão essencial, ressaltando as seguintes funções: 1 depoimento destaca a função educativa; 4 privilegiam a função histórica; 2 ressaltam a função política; 2 chamam a atenção para a função doutrinária; 2 põem em relevo a função cultural; e 1 enfoca a função informativa e simbólica.

Cleidia Maria de Almeida e Silva, 23 anos, terceiro ano do ensino médio, assentamento 25 de Maio, Quietto, Madalena, Ceará, consegue captar a função pedagógica da mística, seu ca-

ráter educativo, a mística como conhecimento, como saber que ficou aprisionado em algum momento da história:

Mística, pra mim, é busca, conhecimento, através de demonstrações e recriação de algo, que possa vir a passar para um determinado público, para que eles possam conhecer o que está sendo transmitido de forma bem explicada.

A função histórica da mística é percebida no depoimento de Aurenice Xavier Barroso, de 23 anos, assentamento 25 de Maio, Quietão, Madalena. Ela se refere à dimensão essencial da mística, destacando sua função de historicizar a memória do movimento. Nessa dimensão, a mística é vista como uma forma de avaliação da realidade concreta, tecendo considerações críticas a respeito de situações históricas, tentando recuperar a dimensão da memória, das lutas dos movimentos sociais. A mística tem um caráter de encenação que passa pela necessidade de reviver determinadas práticas e determinadas lutas populares que ajudaram os movimentos sociais na conquista de suas reivindicações:

A mística já é como se fosse uma tradição, ela é desde o início e sempre esteve presente nos momentos de alegria, tristeza e superação. Enfim, ela completa nossos pensamentos positivos.

Antônia de Maria Bezerra, 20 anos, assentamento Palmares I, aluna do curso de Jornalismo da Terra, destaca a dimensão essencial em sua função histórica e sua conexão com a preservação da memória:

É um momento de preparação, um resgate da história que envolve-nos em uma relação forte com a luta.

Lucilene Nascimento da Luz Silva, 27 anos, estudante do curso de Jornalismo da Terra, assentamento Santana, Monseñor Tabosa, Ceará, é outro exemplo da dimensão essencial em sua função histórica, ao referir-se ao papel da mística no resgate da trajetória de lutas de muitos companheiros sem-terra que morreram combatendo as injustiças:

É o cotidiano da vivência de todos que querem repassar uma homenagem de forma convincente, resgatando algo que lhe foi importante. No MST, por exemplo, sempre resgatamos a trajetória de lutas de muitos companheiros que já tombaram.

Carlos da Costa Silva, 23 anos, assentamento 17 de Abril, Eldorado dos Carajás, Pará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, ressalta a dimensão essencial em sua função histórica de resgate da memória:

É um momento no qual nos preparamos para tal atividade, sempre relembrando nossos lutadores mais antigos, ou o momento pelo qual estamos passando.

A função política da mística, mobilizadora de ações sociais, pode ser encontrada na resposta de Romilson Joaquim de Souza, 21 anos, São Sebastião de Utinga, Wagner, Bahia. O rapaz não apenas capta a dimensão essencial da mística, mas a encara como delimitadora da forma pela qual os adeptos dos movimentos sociais realizam suas manifestações e práticas:

Compreendo que mística é a forma como nós dos movimentos sociais agimos, seja através de grandes ou pequenas manifestações, envolvendo desde os aspectos políticos aos aspectos culturais.

Andréia Alves Nunes, 22 anos, Madre Paulina, Pernambuco, aluna do curso de Jornalismo da Terra, capta sua dimensão essencial na perspectiva histórica e política:

A mística é um dos itens muito importantes da organicidade do movimento, é também a representação da realidade do MST e toda sua trajetória.

Marilene Nascimento de Araújo, 21 anos, Marrecas, Piauí, estudante do curso de Jornalismo da Terra, percebeu a dimensão essencial da mística em sua função doutrinária, ao afirmar que a mística tem por outra função repassar um determinado objetivo, que é não apenas educacional ou informativo (tendo a função de distribuir conhecimento), mas também doutrinário. A mística tem o objetivo de convencer os militantes e inculcar em suas mentes a ideia central do movimento:

Mística são momentos de reflexões sobre um determinado tema, reafirmação da luta dos movimentos sociais. É motivação para continuar na luta, pois mística é entrega de todos os sentidos humanos, visão, tato, audição, olfato, para repassar um determinado objetivo e também para recebê-lo. Mística você vive, sente; se deixa envolver tanto quem a prepara como quem vai assisti-la.

Antônio Kanova Júnior, 20 anos, Milton Santos, São Paulo, aluno do curso de Jornalismo da Terra, também destaca a dimensão essencial em sua função doutrinária:

Mística, na minha opinião, é um mecanismo de formação ideológica, mostrando a injustiça que a classe trabalhadora sofre. Ela é feita de uma forma que não dê uma resposta pra resolver o problema, e sim despertar a revolta e a injustiça que cada trabalhador tenha dentro de si.

Neuber Josélio Amador, 26 anos, assentamento Madre Cristina, Goiandira, Goiás, ressalta a dimensão essencial em sua função cultural e identitária de ratificação dos valores do MST:

É a representação da forma verdadeira de uma cultura de grupo, comunidade, seja da atualidade ou fatos ocorridos. Também vem a denunciar as formas diversas de opressão, trazendo ao público destinatário, receptor, a sensação ocorrida. Pode também ocorrer místicas resgatando nossos valores, os valores sociais ou gerais.

Maria Viviane G. de Araújo, 18 anos, ensino médio incompleto, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará, não consegue traduzir o significado da mística, mas capta sua dimensão essencial na função cultural:

“Falar de mística”, pra mim, é diferente de “organizar uma mística”, pois não sei o total sentido dela. Só sei que através da mística entendemos cultura, organização e o jeito de certos povos e gêneros.

Roque Reis dos Santos, 25 anos, São Sebastião de Utinga, Wagner, Bahia, identifica a dimensão essencial em sua função simbólica e informativa:

Bem, a mística primeiramente é um símbolo que retrata os temas que podem ser resgatados. É também uma forma de trabalhar nas frentes de massa, buscando conhecimento para se manipular. O que pode ser feito na área de assentamento ou acampamento, simbolizando um fato já acontecido que pode ser retratado dentro da luta dos trabalhadores.

Muitos militantes destacam na dimensão essencial a função emocional da mística. A função emocional pode ser traduzida

em componentes mentais, físicos e espirituais, como mostram os depoimentos dos militantes. Dos 62 entrevistados, 15 (24,19%) destacaram, na dimensão essencial, a função emocional.

Ivanildo Bernardo da Silva, 29 anos, formado em Pedagogia, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará, mostra a mística na dimensão essencial, fazendo referência direta à função emocional:

É uma preparação emocional do ser humano. É um sentimento profundo que traz presente a realidade do movimento.

Antônia Aline Costa de Oliveira, 22 anos, assentamento Flores, Sobral, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

É vivência cotidiana. São momentos de emoção, de sentimento. Mística é, para mim, a força que me mantém de pé, mesmo quando o cansaço me consome. É o que dá ânimo e força de continuar nesta luta.

Fábio Luís dos Reis, 25 anos, assentamento José Maria, Santa Catarina, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Mística é o momento em que paramos para refletir o momento por qual passamos, onde procuramos alimentar os nossos sentimentos e valores.

Ana Iris Nogueira Pacheco, 19 anos, Alcobaça, Bahia, aluna de Jornalismo da Terra:

É a força impulsionadora dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. É o que nos anima e reaviva diariamente nossa vontade e persistência em continuar lutando por nossos ideais.

Ao longo das respostas, a mística é vista como expressão das alegrias, a dimensão essencial em sua função emocional, mas também de repúdio, indignação. Constata-se essa mistura de sentimentos na opinião de Mércia Vieira Fernandes, 21 anos, Alagomar, Jaguaratama, Ceará:

As místicas são as nossas expressões de alegria, repúdio, indignação. Demonstram nossas esperanças de mudança que esperamos através de nossas constantes lutas. Enfim, mística, na verdade, não tem definição, no mais são sentimentos de um povo que faz de suas vidas pontos e vírgulas, construindo uma história.

A mística é entendida como algo que permeia a subjetividade dos militantes, encorajando-os a permanecer na luta. Tal concepção encontra-se, por exemplo, na resposta de Francisco Marcelo Matos da Silva, assentamento Leninpaz II, Ibareta, Ceará, para o qual a mística é o alimento que faz os militantes permanecerem firmes e fortes na caminhada, quando destaca sua dimensão essencial em sua função emocional:

É o nosso alimento, é o que nos faz permanecer convictos de que um outro mundo é possível, é a preparação para a batalha, é o anseio de transformação que está inculcado dentro dos nossos corações. A mística não tem explicação, ela é a razão, emoção, uma utopia, um mistério e muitas vezes nos perguntamos e as pessoas perguntam a nós: como é possível um movimento com mais de 50 pessoas presas, em 1996, um massacre de 19 companheiros e 60 mutilados continuar a luta e não desistir? É a mística que nos impulsiona, nos alimenta, nos dá forças para continuar firme e forte.

Reynaldo da Silva Costa, 30 anos, Califórnia, Açailândia, Maranhão, aluno de Jornalismo da Terra, toca na dimensão essencial no que se refere às suas funções valorativa e emocional:

É todo o sentimento que expressamos pela causa, que não tem forma e nem tamanho, limite. Ela aparece na indignação, na rebeldia, na disciplina, no humanismo. Enfim, ela é os valores e qualidades que nos ajudam a permanecer nesta luta.

Ricardo Ramos, 29 anos, Chico Mendes III, aluno do curso de Jornalismo da Terra, reporta-se à dimensão essencial, destacando a função emocional:

A mística é algo que transparece nossos objetivos seja no sentido de sentimentos, pensamentos e de trabalho. Ela está em todo lugar. Às vezes, ela é pensada. Às vezes, ela surge. E todo mundo consegue decifrar a mensagem que se faz. Cito um exemplo do sorriso de uma criança ou de um senhor de idade. Mostra felicidade, mostra o caminho a trilhar.

Viviane Pereira Santa Brígida, 27 anos, assentamento Mártires de Abril, Belém do Pará, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

É tudo que alimenta, motiva e fortalece minha militância e vida.

Nelsina Gomes Neta, 18 anos, Movimento dos Atingidos por Barragens, na comunidade de Coroaci, Minas Gerais:

Seria um momento em que um militante ou os militantes expressam seus sentimentos, passando uma

mensagem do atual ou de um momento anterior onde um fato se torna ou tornou presente em suas vidas. Este é lembrado e apresentando na forma mais sentimental que podemos passar, a mística.

Eliana Leite Martins Farias, 35 anos, Palmares I, Cra-teús, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

É a força que nos impulsiona na caminhada, anima nos momentos de dificuldade, combustível nesta longa jornada em busca da realização da reforma agrária no Brasil.

Na resposta de Hildebrando Silva de Andrade, 23 anos, TTL, Bento Fernandes, Rio Grande do Norte, aluno do curso de Jornalismo da Terra, vê-se também o aspecto da motivação da mística para vencer qualquer obstáculo e, na dimensão essencial, o cultivo das raízes culturais, da emoção dos revolucionários. Aqui a mística é entendida como algo contagiante em sua função emocional:

Uma motivação para a caminhada do saber, o valor que aprimora o dia a dia e nos faz ter dignidade e força para vencer qualquer obstáculo da vida. Uma ferramenta que traz presente as raízes culturais e a emoção dos verdadeiros revolucionários.

Carlos Magno Sirqueira, 24 anos, assentamento Vila Diamante, Maranhão, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Explicar o que é a mística, pelo menos para mim, é muito difícil, porque é algo abstrato às vezes; dependendo do momento, sinto indignação de uma situação, me emociono de outras, enfim, é algo que vem de dentro de mim que muitas vezes também não se explica.

Pedro Ferreira de Oliveira Neto, 23 anos, assentamento Palmares, Crateús, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Momento de fortalecimento espiritual, onde renovamos nossas energias para o dia a dia da luta.

Geani Paulo S. da Rosa, 18 anos, assentamento Olga Benário, Santa Tereza d'Oeste, Paraná, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Algo que envolve as pessoas para um momento de luta, preparando-o para os desafios.

Na dimensão essencial, na qual a mística é traduzida pelos militantes como celebração, podemos identificar uma tentativa de integrar a vivência subjetiva à experiência racional. Nesse caso, haveria uma integração entre forma e conteúdo, sendo a celebração a exteriorização subjetiva de aspectos relacionados à racionalidade. Haveria aí, também, um novo componente de ordem espiritual, não necessariamente religioso. Dos 62 entrevistados, 12 militantes (19,35%) destacaram a função celebrativa e de mistério presente na dimensão essencial da mística.

Um olhar nas respostas em que aparece a dimensão essencial permite enxergar que as opiniões começam a se referir à interpretação da mística como um momento de celebração, cumprindo um ritual de cultivo da história do movimento. A mística possui uma intencionalidade consciente (SILVA, 2004, p. 120). A partir da leitura do material empírico, observa-se que a celebração na mística tem o papel de educar e politizar os sujeitos em ação.

Percebe-se isso na resposta de Magnólia Fagundes da Silva, 26 anos, da Fazenda Pirituba Agrovila I, Itapera, São Paulo, estudante do curso de Jornalismo da Terra. Ela traduz mística

como celebração na sua interface com a liturgia da Igreja Católica. Falando de mística no sentido de celebração, haveria uma remissão à prática usual da Igreja Católica, que tem na celebração uma dimensão muito elevada, de essencial importância. A celebração teria um caráter de remissão à dimensão espiritual, que deve estar presente também na luta dos povos, nos objetivos dos povos. Pode-se ver também na dimensão da celebração uma tentativa de união entre a racionalidade e a subjetividade:

Mística é maneira com que celebramos as nossas conquistas e nossos processos de luta, representados de forma cívica. É um momento que nos permite olhar o passado, refletir sobre ele e ir apontando outras formas de se organizar.

Eliane de Souza Saraiva, 24 anos, em um dos depoimentos mais completos sobre o significado da palavra, captura a dimensão essencialmente onírica da mística, seu caráter valorativo, identificando, também, seu aspecto formal de reprodução. Ela mostra a mística em sua dimensão essencial, definindo-a como celebração, reafirmação da memória e dos valores do MST:

Mística é a celebração de nossos ideais, pensamentos, sentimentos e anseios. É a representação mística de nossas dores e alegrias, conquistas e desencantos, lembranças de contentamento ou de momentos contundentes. É o vigor, estímulo e impulso que nos revigora cotidianamente. São nossos sonhos, nossos valores, nossos projetos de sociedade. É tudo aquilo em que acreditamos e que nos impulsiona a lutar contra tudo o que nos oprime, nos marginaliza, nos reprime, impossibilitando-nos de viver em um mundo de justiça, pão e paz.

Francisco de Assis dos Santos Soares, 20 anos, Sabiaguaba, Fortaleza, Ceará, aluno de Jornalismo da Terra, também destaca a dimensão essencial em sua função celebrativa:

É o momento de celebração e confraternização entre as pessoas, onde há uma interatividade e dedicação para homenagear grandes ícones da história e principalmente reforçar o desejo de estar sempre defendendo uma ideia.

Uma tentativa de achar um ponto de encontro entre a dimensão racional e a dimensão subjetiva é algo que nunca foi preocupação de movimentos à esquerda do espectro político, que sempre estiveram muito preocupados com a dimensão racional de tudo: a ideologia, as teorias que explicam a realidade concreta. Enquanto isso, a dimensão subjetiva sempre foi colocada em segundo plano, adquirindo uma importância menor. A dimensão espiritual traz para o campo da prática política uma característica mais subjetiva.

Além da dimensão da celebração, vemos na resposta de Francisco Soares a importância de se homenagear os ícones da história do movimento. Uma leitura do material empírico permite ver que, para Caldart (2004, p. 211-212), “[os movimentos] fazem isso pela valorização de lutadores sociais do passado e também pelo cultivo da memória das lutas, socializando conhecimentos sem os quais a postura não conseguiria ser materializada. Não há como respeitar uma história que não se conhece”.

Antônio Carlos Costa Luz, 36 anos, Mártires de Abril, Belém, aluno do curso de Jornalismo da Terra, também destaca a dimensão essencial na função celebrativa:

Mística é o momento de celebração e fortalecimento de nossa luta.

Maria Sheila Rodrigues do Nascimento, 26 anos, assentamento Santa Bárbara, Caucaia, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, destaca a dimensão essencial em sua função celebrativa e emocional:

Para mim, a mística é nossa motivação, nosso companheirismo, nossa proposta de nova sociedade e o sentimento de pertença ao movimento e compromisso com a causa. Podemos traduzi-la através da celebração, apresentação e através de nossos atos cotidianos.

Há uma semelhança entre a estrutura formal da mística e a liturgia da missa da Igreja Católica. A mística reproduz, em parte, a liturgia da Igreja Católica. Há o momento inicial, com uma palavra introdutória, e o momento de reflexão. Também é entendida como um alimento que impulsiona os militantes, mas cujo significado não é facilmente explicado. O depoimento de Alex Fernandes Viana, 20 anos, Oriente, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, remete-nos à dimensão essencial em sua função celebrativa, quando menciona o mistério, ligado à característica da celebração. Há uma relação de reprodução da estrutura formal da mística com a liturgia da Igreja Católica:

A mística é a união de toda militância na memorização de companheiros que tombaram na luta, mas também é um mistério a ser interpretado pelos participantes.

Francisco Genivando Santos de Sousa, 27 anos, Monte Alegre, Tamboril, Ceará, também se remete à dimensão essencial, dando ênfase ao mistério:

É uma força que nos encoraja para permanecer firme na luta. A mística é um mistério que é difícil de explicar.

Só quem sente sabe o sentido dela. Ela nos ajuda a permanecer cada vez mais vivo. A mística é a própria vida.

Neudicléia Neres de Oliveira, 19 anos, reassentamento rural coletivo São Francisco de Assis, Esmeralda, Rio Grande do Sul, aluna do curso de Jornalismo da Terra, também chama a atenção para a dimensão essencial em sua função celebrativa (mistério):

Mistério, algo subjetivo que envolve a luta.

Rozana Maria da Conceição, 34 anos, Normandia, Pernambuco, aluna do curso de Jornalismo da Terra, é outra que destaca a dimensão essencial em sua função celebrativa (mistério):

É vida, um mistério que se vive, pois ela se dá no momento que é preciso.

Samuel do Nascimento da Silva, 19 anos, projeto de assentamento Coqueirinho, Fortim, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, destaca as dimensões formal e essencial, esta última em seu caráter celebrativo e de mistério:

A mística é uma expressão, sentimento do cotidiano das pessoas que vivem na reforma agrária, inclusive um mistério, no intuito de animação do grupo.

Alessandro Rosa Fernandes, Espírito Santo, aluno do curso de Jornalismo da Terra, identifica a dimensão essencial em sua função celebrativa:

Mística é um momento de celebração dentro do MST, para resgatar a autoestima dos movimentos sociais.

Ioneide Nunes da Silva, 23 anos, Lisboa, São João do Piauí, Piauí, também destaca a dimensão essencial, ressaltando a mística em sua função valorativa, celebrativa e solidária:

São momentos que paramos para celebrar e refletir sobre o cotidiano da nossa vida. Ela nos alimenta no sentido de descobrir novas práticas para continuar a luta. A mística representa trabalho do dia a dia, luta, esperança de conquistar o novo, sentimento de solidariedade. Através dela representamos nossos valores.

Outros militantes destacam o caráter múltiplo da mística, apresentando-a em suas dimensões formal e essencial, mas enxergando outras funções que extrapolam essa integração entre forma e conteúdo, explicitada anteriormente, na mística, que é interpretada como celebração e mistério.

Dos 62 entrevistados, 12 militantes (19,35%) identificaram essas múltiplas dimensões, distribuídas da seguinte maneira: além da dimensão formal, 5 militantes identificaram, também, a dimensão essencial em sua função emocional; 1, em sua função identitária; 2, em sua função cultural; 3, em sua função política; e 1, na função técnica de comunicação grupal libertadora.

Paulo Henrique Campos da Silva, 16 anos, assentamento 25 de Maio, Quietão, Madalena, Ceará, refere-se à mística em sua dimensão essencial:

Mística é uma forma, ou seja, uma metodologia de expressar nossos valores culturais, sociais, morais, político. Mística é alimentação da alma, nossa identidade sem-terra.

Nascimento e Martins (2008, p. 118) referem-se a esse trabalho de transmissão da identidade através da mística como algo que mobiliza e politiza o sujeito, colocando-o em ação. Caldart (2004, p. 33) refere-se a uma coletividade que constrói sua identidade no processo de organização e de luta por seus próprios inte-

resses sociais. A questão da identidade entraria tanto na essência da mística quanto no resultado concreto. A mística gera no sem-terra um sentimento de pertencimento, de identidade.

Tiago Pereira da Silva, 23 anos, assentamento Lagoa do Mato Camará/Zumbi dos Palmares, estudante do curso de Jornalismo da Terra, identifica na mística sua dimensão formal e essencial, pondo em relevo a função emocional:

Mística, para mim, é algo que não existe fórmula. A gente tenta mistificar as pessoas, mas só as pessoas têm capacidade de sentir a mística. É algo que alimenta nosso espírito, e não dá desânimo nos momentos certos.

Maria Zilmar dos Santos, 49 anos, formada em Pedagogia, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará, fala da mística na dimensão essencial, também ressaltando sua função emocional:

Mística é um momento de meditação. É como uma terapia. É um momento de plena interação, doação, enfim, mística. Mística é sentimento e emoção.

Essa motivação à militância é encontrada na resposta de Ramiro Olivier de Souza, 21 anos, assentamento Patativa do Assaré, Aricuri, Pernambuco, aluno do curso de Jornalismo da Terra. Na fala de Ramiro, é visto também um aspecto essencial em sua função emocional, sendo a mística o combustível da emoção e da indignação:

A mística é uma forma de ilustrar a realidade e também nos motiva enquanto militância do MST. A mística tem como objetivo sensibilizar as massas. Enfim, mística é tudo aquilo que nos emociona e desperta indignação.

Na resposta de Silvana Bezerra da Silva, 30 anos, assentamento Comuna da Terra Irmã Alberta, São Paulo, a referência ao cultivo da memória. Para Silvana, a mística é uma leitura de toda luta do povo. Aqui aparece, como já foi citado, a rememorização como elemento presente na constituição da identidade sem-terra. Ela chama a atenção para as dimensões formal e essencial em sua função emocional:

Um momento de reflexão onde nos aproximamos dos elementos que compõem a nossa luta. É a representação das nossas angústias, nossos medos, é uma leitura de toda a trajetória da luta do povo. É a resposta subjetiva das nossas questões cotidianas.

É o caso de Mariana dos Santos Paiva, 16 anos, segundo ano do ensino médio, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará, que destaca a dimensão essencial da mística em suas funções emocional e simbólica:

Mística é uma forma de mostrarmos tudo o que nós passamos, mas de forma diferente, mostrando emoção de tudo aquilo, nas pequenas coisas, nas coisas simples. Na música, podemos falar de modo diferente, demonstrando nossa forma de luta, ou seja, mística é uma trajetória de luta, só que é mostrada como “símbolo”.

Anônimo, 21 anos, aluno do curso de Jornalismo da Terra, destaca na mística as expressões corporais em conjunto com textos, roupas e músicas que podem dar mais sentido ainda à luta. Por outro lado, a incorporação da arte ajuda na emancipação do ser humano, evidenciando a dimensão formal e essencial, sobretudo em sua função cultural:

Em primeiro lugar, quero dizer que para se fazer uma mística devemos tê-la dentro de nós. Mística seria uma reflexão de todas as lutas que já travamos e que ainda travaremos. Através das expressões corporais em conjunto com textos, roupas e músicas podemos dar mais sentido ainda a nossa luta. A mística dentro do MST é muito importante, pois este movimento incorpora a arte, a música e a poesia, um dos elementos fundamentais para emancipação do ser humano.

Maria Genilda da Rocha Teixeira, 35 anos, Januário Moreira, Petrolândia, Pernambuco, estudante do curso de Jornalismo da Terra, reporta-se à dimensão formal e essencial da mística, ressaltando sua função cultural, que aborda a mística como definidora das práticas diárias dos movimentos sociais e dos trabalhadores sem-terra, que a veem como elemento que engloba a vida de cada ser humano:

É uma cultura na qual engloba a vida de cada ser humano. É a ação diária onde procuro cada vez mais contribuir nas atividades do MST, numa luta em busca da liberdade social de modo igualitário para todos.

Do ponto de vista de Raquel de Araújo de Souza, 20 anos, assentamento 17 de Abril, Eldorado dos Carajás, Pará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, a mística surge a partir da finalidade, isto é, como expressão do que se está pensando. Na resposta de Raquel encontra-se a noção de dimensão essencial em sua função política:

A mística é uma expressão que usamos para demonstrar o que estamos pensando sobre determinado assunto. Através dela podemos demonstrar como o movimento é, a maneira que trabalhamos, e mostra-

mos também nossa indignação contra essas grandes empresas que estão acabando como nosso planeta. A mística é expressão de corpo e alma.

Anderson Antônio da Silva, 21 anos, aluno do curso de Jornalismo da Terra, identifica a dimensão formal e essencial em sua função política:

A mística é um momento em que paramos para refletir e dizermos que estamos prontos pra contribuir com a luta dos trabalhadores.

Já para Wesley Oliveira Lima, 18 anos, assentamento Lucas Dantas, aluno do curso de Jornalismo da Terra, a dimensão formal da mística está na reflexão ou homenagem, ambas atuando para o fortalecimento político dos participantes dos movimentos sociais:

É um momento de reflexão dentro dos problemas sociais ou homenagem, que o movimento busca enfatizar e contribuir para crescer politicamente os seus receptores e também demonstrar o amor e respeito ao movimento.

Fransivaldo Rodrigues dos Santos, 21 anos, Alegre, Jaguaratama, Ceará, estudante do curso de Jornalismo da Terra, enxerga a dimensão essencial em sua função técnica de comunicação grupal libertadora, que alia o conteúdo à forma, ao referir-se ao termo como uma prática de agitação e propaganda

[...] na qual os indivíduos envolvidos expressam os seus sentimentos, angústias ou desejos, através do discurso, músicas, poemas ou contos. Porém as místicas mais importantes são as místicas feitas em silêncio, que deixa o receptor refletir.

2.3 Um Tipo de Mística para Cada Situação

Haveria um tipo de mística adequado a cada situação? Dos 62 entrevistados, 18 militantes, ou seja, 29,03%, responderam que sim e três responderam que não, isto é, 4,83%. Outros 13 entrevistados (20,96%), além de reconhecerem que para cada situação existe um tipo de mística, ressaltaram a participação que assume uma função emocional de ordem coletiva ou individual. Dez militantes, ou seja, 16,12%, destacaram a mística como representação de valores, ideias, sentimentos do MST. Só 10 militantes, ou 16,12%, identificam situações em que não há uma mística adequada para mobilizar as pessoas. Oito militantes (12,90%) preferiram enfatizar a importância da mística para incentivar o militante à luta.

Para a segunda pergunta, “Haveria um tipo de mística adequado a cada situação?”, foram analisados alguns aspectos derivados das respostas dos militantes. A maioria dos inquiridos avaliou a existência de uma mística específica a cada momento.

Tal questão corresponde a diferentes percepções da prática da mística, as quais são função emocional – que se pode subdividir em individual e coletiva – e de representação (são considerados aqui os valores, as ideias, os sentimentos do movimento).

Vale aqui mencionar a influência da corrente da Igreja Católica, a Teologia da Libertação, da qual o MST incorporou uma prática comunicativa comunitária, classificada de comunicação grupal libertadora, caracterizada pela democracia direta e pela participação autônoma dos militantes. As práticas comunicativas concretas são configuradas na mística.

As instâncias para as quais está voltada a mensagem-meio grupal libertadora são o diálogo, a reflexão e a ação. Um ponto importante da comunicação grupal libertadora é que haja diálogo entre os membros do grupo, para que o programa continue

num debate. Quanto à organização, a maioria dos interessados em comunicação grupal libertadora considera essencial, numa mensagem-meio grupal, o fato de que leve à ação.

A mística, para 18 dos 62 militantes entrevistados, ou 29,03%, aparece como sendo um tipo adequado a cada situação que o militante enfrenta e somente 3 entrevistados (4,83%) não pensam assim.

Maria de Fátima Nunes Maciel, 17 anos, segundo ano do ensino médio, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

Depende, se a mística for realmente relacionada com a situação que estamos enfrentando, no meu modo de pensar, é claro que sim.

Marcirene Nunes da Silva, terceiro ano do ensino médio, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

Existem vários conteúdos para se preparar uma mística, portanto existe, sim, vários tipos de apresentações através de uma mística.

Maria Auderice R. da Silva, 38 anos, ensino médio completo, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

Sim. Porque cada vez que sentamos e analisamos as consequências de cada ato cometido, já é uma forma de mística.

Maria Zilmar dos Santos, 49 anos, formada em Pedagogia, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

Existe a mística para cada momento vivido, a mística faz parte da nossa luta, a mística também existe para reivindicar, agradecer, entre outras, conforme as situações possíveis.

Maria Genilda da Rocha Teixeira, 35 anos, Januário Moreira, Petrolândia, Pernambuco, estudante do curso de Jornalismo da Terra:

Sim. É acreditar que para cada momento há uma estratégia e através dela é que encontramos saída de qualquer situação constrangedora.

Eliane de Souza Saraiva, 24 anos, Novo Horizonte, Tururu, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, também acredita que existe um tipo de mística adequado a cada situação.

Andréia Alves Nunes, 22 anos, Madre Paulina, Pernambuco, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Existe mística em forma de teatro para cada situação já realizada.

Paulo Roberto Oliveira da Silva, 24 anos, Ubá, Santa Quitéria, Ceará:

Não. Ela é preparada de acordo com cada momento que enfrentamos, cada situação é diferente, e pra cada uma delas é pensada uma mística diferente.

Antônio Cleidson de Almeida e Silva, 24 anos, 25 de Maio, Madelena, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, existe mística para cada tipo de situação que nós enfrentamos durante nossa jornada de lutas.

Francisco Genivando Santos de Sousa, 27 anos, Monte Alegre, Tamboril, Ceará:

Na grande maioria das situações, sim. Isso até porque a mística não é apenas a celebração, a peça teatral, mas também a reflexão, a forma que planejamos as ações,

o amor pelas pessoas e pelo que fazemos. Portanto, de alguma forma existe, sim, uma preparação para lidarmos com várias situações em nossa caminhada.

Francisco de Assis dos Santos Soares, 20 anos, Sabiaguaba, Fortaleza, Ceará, aluno de Jornalismo da Terra:

As místicas são preparadas a partir de uma ideia elaborada, então se dá dessa forma a realização de tantas, dependendo da situação principal que vamos defender, tentando assim fortalecer e muitas vezes fazer contraponto a uma ideia absurda que a mídia prega.

Mércia Vieira Fernandes, 21 anos, Alagomar, Jaguaratama, Ceará:

Sim. A cada dia, a situação, sentimentos e preocupações são expressas a cada momento de luta.

Ricardo Ramos, 29 anos, Chico Mendes III, Pernambuco, aluno de Jornalismo da Terra:

Sim, pois a mística serve pra animar a militância e quando ela é utilizada para complementar as atividades, sejam elas cotidiana ou de caráter extra, nos faz ter um poder de assimilação mais apurado.

Eliana Leite Martins Farias, 35 anos, Palmares I, Crateús, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Sim. Cada mística que realizamos fortalece as razões por que estamos aqui e o que queremos naquele momento. É como uma apresentação das nossas ideias.

Carlos da Costa Silva, 23 anos, assentamento 17 de Abril, Eldorado dos Carajás, Pará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Com certeza sim, dentro de cada situação temos uma mística de preparação pra luta.

Samuel do Nascimento da Silva, 19 anos, projeto de assentamento Coqueirinho, Fortim, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, todo momento pode ser homenageado por uma mística, não existe temas que é impossível para produzir uma mística. A mística pode ser crítica ou a realidade, mas sempre vai haver mística para cada momento.

Wesley Oliveira Lima, 18 anos, assentamento Lucas Dantas, Bahia, aluno do curso de Jornalismo da Terra, também acredita que existe um tipo de mística para cada situação.

Carlos Magno Sirqueira, 24 anos, assentamento Vila Diamante, Maranhão, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim. Pois cada momento na vida de um militante que luta pela transformação social é muito importante, por isso devemos estar preparados.

Silvana Bezerra da Silva, 30 anos, assentamento Comuna da Terra Irmã Alberta, São Paulo, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Sim. A mística não precisa seguir um padrão, mas quando estamos nos preparando para uma ação coletiva, qualquer momento místico é importante, se dá através de uma música, poesia ou dramatização.

Maria Edna da Penha, 19 anos, assentamento Catalunha, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Sim. Mas sempre abordaremos os movimentos sociais.

Viviane Pereira Santa Brígida, 27 anos, assentamento Mártires de Abril, Belém do Pará, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Não. A mística é preparada de acordo com a motivação e ocasião. Algumas vezes trabalhamos com temas para ser mais conhecidos e fortalecidos dentro da organização.

Há militantes que explicam que a mística depende da situação emocional em que se encontram em cada momento. Muitos percebem a mística como um momento de envolvimento coletivo e outros como um momento de envolvimento pessoal.

Riquieli Capitani, 19 anos, assentamento Contestado, Lopo, Paraná, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim. A mística não é apenas as que fazem em encontros, reuniões ou salas de aula. Ela é todas as atitudes diárias que tomamos. Aprendemos a fazer a mística diariamente.

Antônia Aline Costa de Oliveira, 22 anos, assentamento Flores, Sobral, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, pois ao participar de uma organização social, o MST, tudo parece mudar em nossa visão de mundo, ou seja, os momentos vividos durante as caminhadas, os encontros, os trabalhos realizados nos acampamentos, nos assentamentos, nas comunidades urbanas, acredito que essa mudança de visão do mundo comece a partir dessas vivências e certamente nos prepara para encarar o mundo que está aí.

Mariana dos Santos Paiva, 16 anos, segundo ano do ensino médio, assentamento 25 de Maio, Quietó, Madalena, Ceará:

Cada momento vivido traz uma mística, traz uma emoção, traz situações bastante complicadas e que

mostramos através dela nossas mobilizações, nossas conquistas, nossos momentos difíceis, mas que encaramos com muita garra.

Aurenice Xavier Barroso, 23 anos, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

Dependendo da situação, sendo ela de alegria ou tristeza, trazemos uma trajetória na mística que nos envolve com muita emoção.

Lucilene Nascimento da Luz Silva, 27 anos, estudante do curso de Jornalismo da Terra, assentamento Santana, Monseñor Tabosa, Ceará:

Sim. A força de vontade de cada um que quer transformar a sociedade em um mundo mais justo e solidário.

Romilson Joaquim de Souza, 21 anos, São Sebastião de Utinga, Wagner, Bahia, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Nossas reuniões também são atos místicos, portanto, se é através das reuniões que nos organizamos, acredito que existe.

Ana Iris Nogueira Pacheco, 19 anos, Alcobaça, Bahia, aluna de Jornalismo da Terra:

As místicas geralmente ocorrem baseadas no contexto histórico vivido, portanto, se a situação exige, a mística vai, sim, cumprir seu papel, impulsionados para enfrentar o momento.

Anônimo, 21 anos, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Podemos dizer que sim, pois muitas das coisas que enfrentamos pela primeira vez já tínhamos vivido através de uma mística, exemplo: uma ocupação de terra.

Francisco Marcelo Matos da Silva, Leninpaz II, Ibaretama, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Isso depende da conjuntura do momento, se é situação de conflito, a mística é para agitar e preparar o povo para resistir, tendo a clareza de como nos explicar que a vida das pessoas vale mais do que qualquer propriedade. Em uma comemoração a mística é para festejar as conquistas.

Antônio Carlos Costa Luz, 36 anos, Mártires de Abril, Belém, Pará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Não diria um tipo de mística, mas existe mística. A nossa luta pela reforma agrária é árdua e precisamos fortalecer nosso espírito e nossas forças. A mística vem justamente para isso.

Raquel de Araújo de Souza, 20 anos, assentamento 17 de Abril, Eldorado dos Carajás, Pará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Existe mística para cada momento vivido. Exemplo: no assentamento 17 de Abril no Pará, elaboramos mística de acordo com o acontecimento, o dia 17 de abril foi o dia em que ocorreu o massacre, então construímos místicas para homenagear os companheiros que morreram na luta.

Rozana Maria da Conceição, 34 anos, Normandia, Pernambuco, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

A mística ela já existe dentro de nós, e para cada momento que enfrentamos, ela desperta e automaticamente conseguimos colocar no momento certo, seja indignação, festa, tristeza.

Ioneide Nunes da Silva, 23 anos, Lisboa, São João do Piauí, Piauí, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, pois a cada situação que enfrentamos através dos princípios e valores do nosso movimento, em solidariedade, companheirismo nos fortalecemos rumo ao objetivo maior da transformação social da sociedade.

Alguns militantes identificam a mística como representação de valores, ideias ou sentimentos.

Fábio Luís dos Reis, 25 anos, assentamento José Maria, Santa Catarina, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

A mística é realizada de acordo com a situação ou o momento, seja ela em homenagem aos lutadores da classe trabalhadora como também o resgate da história da classe trabalhadora e o enfrentamento do dia a dia.

Cleidia Maria de Almeida e Silva, 23 anos, terceiro ano do ensino médio, assentamento 25 de Maio, Quietó, Madalena, Ceará:

Sim, uma mística representando o povo trabalhador, ou seja, nós trabalhadores rurais sem-terra, através da luta por educação e igualdade social entre todas as organizações, que através da mística venha a preparar os jovens e crianças à realidade do nosso país.

Francisca Josuélia de Almeida e Silva, 45 anos, ensino fundamental, assentamento 25 de Maio, Quietó, Madalena, Ceará:

Sim, quando está representando o que nós vivemos no nosso cotidiano, e também a nossa batalha por igualdade na sociedade em que estamos localizada.

Maria Viviane G. de Araújo, 18 anos, ensino médio incompleto, assentamento 25 de Maio, Quietão, Madalena, Ceará:

Sim, porque a mística é o retrato da nossa cultura e preparação da situação que nós enfrentamos dia a dia.

Neuber Josélio Amador, 26 anos, Madre Cristina, Goian-dira, Goiás, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, pode ocorrer. Só que a nossa, a da classe trabalhadora rural, fazemos num planejamento coletivo, denunciemos as injustiças, exploração do ser humano, as perseguições da classe social, ou seja, do MST. Sabemos o que nos ofende, que nos criminaliza! Mostramos à base as formas de opressão realizadas pelos nossos inimigos, os opressores, os monstruosos, desumanos, em forma de mística.

Antônia de Maria Bezerra, 20 anos, assentamento Palmares I, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

A mística do conhecimento, relações, enfrentamentos, enfim, a mística da unificação.

Ramiro Olivier de Souza, 21 anos, assentamento Patativa do Assaré, Aricuri, Pernambuco, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Não, o objetivo é mostrar a realidade. A mística não nos prepara, ela nos ajuda a despertar a indignação contra a intolerância dos poderosos.

Hildebrando Silva de Andrade, 23 anos, TTL, Bento Fernandes, Rio Grande do Norte, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim. A mística de ter a certeza no concreto, de poder ser companheiro em todos os momentos e, principalmente, da certeza de uma pátria livre.

Maria Sheila Rodrigues do Nascimento, 26 anos, assentamento Santa Bárbara, Caucaia, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Geralmente sim, na fase do acampamento, por exemplo, nos preparamos sobre a importância da terra, da unidade e da resistência. Na fase do assentamento, buscamos fortalecer a coletividade. Mas, em todos os momentos, tratamos de enfatizar a importância de uma sociedade igualitária.

Pedro Ferreira de Oliveira Neto, 23 anos, assentamento Palmares, Crateús, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

As nossas místicas são vivenciadas com o objetivo de alimento espiritual, reflexivo, com várias abordagens sobre diversas situações de acordo com a conjuntura.

Há outro grupo de militantes que identifica situações em que não há uma mística adequada para mobilizar as pessoas.

Ivanildo Bernardo da Silva, 29 anos, formado em Pedagogia, assentamento 25 de Maio, Quietó, Madalena, Ceará:

Em prol de realizar um trabalho ou qualquer outra coisa, eu penso, mas nem todas as vezes tem uma preparação mística, ou seja, uma preparação profunda que possa comover as pessoas.

Marilene Nascimento de Araújo, 21 anos, Marrecas, Piauí, estudante do curso de Jornalismo da Terra:

Não um tipo, mas um coletivo de vontade e que se confirma no abraçar da causa. Existem os valores e princípios. Existe mística no querer lutar por uma vida melhor.

Reynaldo da Silva Costa, 30 anos, Califórnia, Açailândia, Maranhão, aluno de Jornalismo da Terra:

A celebração da mística sempre busca enfatizar um tema. O objetivo é exatamente fazer com que as nossas atenções se voltem para o que se quer construir em determinado momento. Não diria um tipo, e sim várias formas de celebrar. Existe a apresentação da mística, o que chamo de celebração, e ela como valor, sentimento e nós.

Fransivaldo Rodrigues dos Santos, 21 anos, Alegre, Jaguaratama, Ceará, estudante do curso de Jornalismo da Terra:

Infelizmente não; tem momentos que somos surpreendidos pelo modelo de sociedade e tem que agir só com acúmulo de conhecimento.

Carlos Cosme, 19 anos, São Sebastião de Utinga, Wagner, Bahia, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Não, nós aprendemos com essas situações, porque a mística já é a própria ação, porém as ações são planejadas.

Nelsina Gomes Neta, 18 anos, Movimento dos Atingidos por Barragens, na comunidade de Coroaci, Minas Gerais, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Não, na verdade transformamos nossas ações, indignações, sentimentos, emoções em místicas.

Magnólia Fagundes da Silva, 26 anos, Fazenda Pirituba Agrovila I, Itapera, São Paulo, estudante do curso de Jornalismo da Terra:

Não. Os momentos de indignação, alegria, tristeza, de luta que vivemos todos os dias é o que nos prepara para as diversas situações de luta que enfrentamos.

Tiago Pereira da Silva, 23 anos, Lagoa do Mato Camará/Zumbi dos Palmares, estudante do curso de Jornalismo da Terra:

Não existe, cada momento de situação para algumas pessoas sim, outras não.

Antônio Kanova Júnior, 20 anos, Milton Santos, São Paulo, aluno de Jornalismo da Terra:

Não, porque cada caso é um caso diferente e é difícil saber o que possa acontecer em cada atividade.

Alex Fernandes Viana, 20 anos, Oriente, Tamboril, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Na verdade, somos preparados todo dia em cada debate, cada luta, em cada ação nossa a uma reação, para que possamos aprender através da mística e de passos errados que damos. Mas toda mística é uma preparação.

Outros militantes não entraram no mérito da questão, preferindo explicar em que contexto a mística é utilizada ou tratar de outros temas, como a importância da mística para motivar o militante para a luta.

Alessandro Rosa Fernandes, Espírito Santo, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

A única mística que nos prepara para cada situação é a autoestima de cada companheiro que compõe o MST.

Antônio Nunes de Sousa, 60 anos, assentamento 25 de Maio, Quietó, Madalena, Ceará:

Sim, preparação para lutar pela comunidade, o assentamento e forma de fortalecimento.

Paulo Henrique Campos da Silva, 16 anos, assentamento 25 de Maio, Quietó, Madalena, Ceará:

Na verdade, toda mística tem um significado que nunca nos deixa desistir da luta e enfrentar muitas situações.

Geani Paulo S. da Rosa, 18 anos, assentamento Olga Benário, Santa Tereza d'Oeste, Paraná, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

A mística prepara as pessoas para a luta, com ânimo para enfrentar as situações.

Neudicléia Neres de Oliveira, 19 anos, reassentamento rural coletivo São Francisco de Assis, Esmeralda, Rio Grande do Sul, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

A mística é para preparar o ânimo para luta independente da situação.

Roque Reis dos Santos, 25 anos, São Sebastião de Utin-ga, Wagner, Bahia, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, tem algumas partes da mística que buscam a explicar o que a gente pode e deve fazer diante do que pode ser feito e é preciso estudar nas determinadas disciplinas, por isso também isso é uma parte da mística.

Felipe Melo de Souza, 24 anos, Lagoa do Mineiro, Itarema, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Essa mística seria os detalhes do processo que vem passando o movimento social, desde as ligas camponesas, a repressão à formação e massacre do Eldorado dos Carajás, e o desejo e entusiasmo de quem tombou na luta por uma sociedade mais diferente. Isso é o que nos fortalece.

Anderson Antônio da Silva, 21 anos, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Nós, como militantes, estamos prontos pra qualquer situação, a mística nos motiva a isso. Por isso que a mística tem uma papel fundamental na nossa luta.

3

RELAÇÕES ENTRE MÍSTICA E PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA INTERNA DO MST

O resultado da pesquisa aponta a noção de mística usada por analistas sociais e políticos. Nesse contexto, há necessidade da presença de atores carismáticos na transformação da sociedade, como presente em análises de estudiosos como Weber e Bordieu (BETTO; BOFF, 2008, p. 49). Essa é também uma ferramenta necessária para a continuação e o sucesso de movimentos sociais – nos quais seus membros precisam de uma dimensão motivadora para que a organização política interna continue coesa.

A mística nesse aspecto, explicam Betto e Boff (2008), é o conjunto de convicções, visões e paixões que mobiliza as pessoas para continuar na luta por mudanças e desenvolver práticas para essa luta, mesmo se defrontando muitas vezes com o fracasso.

Para Betto e Boff (2008, p. 51), não há militância sem paixão e mística, não importando a natureza da causa, seja religiosa, humanística ou política:

O militante vive no mundo das excelências e dos valores em função dos quais vale gastar tempo, arrostar riscos e empenhar a própria vida. Trata-se aqui não de ter idéias, mas de viver convicções. São estas que mudam as práticas, que transformam as relações sociais.

Na fala de Paulo Henrique Campos da Silva, 16 anos, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, a mística aparece

como a ousadia de lutar pela reforma agrária, numa relação direta com a organização política interna:

Sim, nossa organização vem de tudo que conquistamos nesses 25 anos de trajetória, mística é como uma tradição, pois ela e nossas lutas são como um espírito positivo que trazem de volta a ousadia de lutar pela reforma agrária.

Ivanildo Bernardo da Silva, 29 anos, formado em Pedagogia, assentamento 25 de Maio, Quietó, Madalena, aborda o conceito de resgate de força política na mística, reforçando essa dinâmica:

Sim, o MST busca resgatar a sua força política através das místicas. É através das místicas que o MST repassa a espiritualidade do socialismo para as pessoas.

O mesmo se identifica na fala de Magnólia Fagundes da Silva, 26 anos, Fazenda Pirituba Agrovila I, Itapera, São Paulo, estudante do curso de Jornalismo da Terra:

No MST não tem como desvincular a celebração da mística, pois ela sempre traz presente uma representação da luta política com as contradições e conquistas desse processo de luta. Não temos como separar, pois a luta ficaria incompleta.

Sem ignorar a identificação da mística com a esfera espiritual, Betto e Boff (2008, p. 97-98) tratam a relação entre ela e a militância de forma fluida, como um processo natural no qual, pela espiritualidade e pelos questionamentos provindos disso, se chega à necessidade de ação. A oração e a luta, portanto, não são dois polos excludentes.

Mesmo fora dos momentos de militância “oficiais” – em casa, na escola, em qualquer outro ambiente –, a mística ainda une quem a vivenciou, como uma trama que liga cada membro do movimento a ele em qualquer momento de sua vida. É o que disse Maria Genilda da Rocha Teixeira, 35 anos, Januário Moreira, Petrolândia, Pernambuco, estudante do curso de Jornalismo da Terra:

Sim. Dá-se através das realizações diárias de cada militante em suas atividades desde o campo à educação.

Eliane de Souza Saraiva, 24 anos, Novo Horizonte, Tururu, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, também tem depoimento na mesma direção:

Sim. A mística está impregnada em nosso modo de pensar, de sentir, de lidar com os problemas, de relacionar-se com os nossos semelhantes, de lutar, de trabalhar no campo e de organizar-se nos encontros e eventos do MST e, principalmente, de organizar-se em nossos acampamentos e assentamentos.

Para Marilene Nascimento de Araújo, 21 anos, Marrecas, Piauí, estudante do curso de Jornalismo da Terra, a presença da mística nas atividades diárias de cada militante pode ser contestada:

Através das relações de companheirismo, solidariedade. Mais isso se constrói a cada dia. É uma construção permanente, essas relações têm dado certo, no entanto ainda há limites. A organização é constituída por várias pessoas de diversos estados e isso enriquece a organização, porém há pensamentos e vivências diferentes.

Essas variáveis constituem a ligação com a organização interna de forma constante. A construção de relações através da mística ajuda também na coesão do movimento em âmbito nacional, já que militantes se relacionam com companheiros de outros estados, muitas vezes com vivências e pensamentos diferentes.

Para além disso, a mística está intrinsecamente relacionada a cada ação no movimento. Percebe-se isso com a resposta de Andréia Alves Nunes, 22 anos, Madre Paulina, Pernambuco, aluna do curso de Jornalismo da Terra: “O ato de organizar já é uma ação mística”.

Para Chaves [...] a identidade de sem-terra é forjada no curso da luta, realizada fundamentalmente por meio das mais diversas mobilizações promovidas pelo MST. Assim, mobilizações são ritos de fundação, realizações para dentro e para fora, elas constituem-se em fontes de legitimação tanto para o público interno ao MST, acampados, assentados e militantes, quanto para o externo (Chaves, [...]). Trabalhar rituais que tenham conteúdo de formação da identidade é prática comum e da vivência dos movimentos. Eles têm a noção da importância tanto dos rituais como da construção desta identidade que aglutina e torna o grupo coeso, mesmo sabendo das tensões inerentes a vivência nos movimentos (VIEIRA, 2008, p. 3).

Para além desses fatores, a mística também tem um caráter de indignação, de expressão de revolta contra o *status quo* vigente. Tal luta está necessariamente ligada aos objetivos políticos do MST, e faz parte da mística. Alex Fernandes Viana, 20 anos, Oriente, Independência, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, reconhece esse lado da mística:

Sim, porque cada mística realizada tem um pouco desses 26 anos de luta do MST. Também mostra nossa união, igualdade e, em alguns casos, é forma de expressar nossa indignação com a desumanidade do mundo capitalista.

Antônio Cleidson de Almeida e Silva, 24 anos, assentamento 25 de Maio, Madalena, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, faz uma abordagem mais abrangente:

Sim, a mística é uma forma que o movimento mostra sua indignação contra certa coisa que existe no nosso país.

Um aspecto observado nas respostas afirmativas foi o caráter de retomada da memória do povo e cultivo da história do movimento dentro da relação entre mística e organização interna do MST. Francisco de Assis dos Santos Soares, 20 anos, Sabiaguaba, Fortaleza, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, observa:

Sim. É sempre muito claro que a mística é um dos marcos fortes do MST e se dá principalmente para fortalecer o movimento como um todo, aproximando cada vez mais os militantes e internamente é muito importante, pois não deixa a história morrer, as lutas estão sempre sendo lembradas nessa celebração.

Viviane Pereira Santa Brígida, 27 anos, assentamento Mártires de Abril, Belém do Pará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, também observa que as místicas

[...] resgatam os valores e as histórias das lutas sociais, fortalecendo a organicidade do MST. De maneira não imposta, mas espontânea e consciente.

Caldart (2004, p. 375-376) afirma que através da mística do movimento os sem-terra *celebram* sua própria memória, de modo a torná-la uma experiência mais do racional, porque entranhada em todo o seu ser humano.

Ainda dentro desse tópico, sem observar detalhes da categoria “a mística como indutora de união na organização política”, é possível notar o reconhecimento de uma unidade do movimento para a mística relacionar-se com a organização.

Riquieli Capitani, 19 anos, assentamento Contestado, Lopo, Paraná, aluno do curso de Jornalismo da Terra, percebe a mística como algo pensado e representado pelo coletivo, nada é individual:

Sim. Como citei na primeira pergunta, a mística é pensada e representada pelo coletivo, e assim é em muitos acampamentos e assentamentos, nada é pensado ou feito individualmente, todas as iniciativas a serem propostas têm que ser discutido e pensado coletivamente.

O sentido de mística como a capacidade de projetar sonhos de novas realidades pode ser percebido dentro das reivindicações observadas e estabelecidas nessa questão. É a partir da coletividade presente na mística que essas projeções parecem se tornar possíveis (BETTO; BOFF, 2008, p. 49).

Também é possível observar a mística como impulsionadora da permanência nas lutas, fato destacado por Reynaldo da Silva Costa, 30 anos, Califórnia, Açailândia, Maranhão, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

O papel da mística é exatamente fortalecer cada espaço e processo de luta. Ela se dá de forma a reafirmar a nossa necessidade de manter a organização. A mística ela é o motor da organização, talvez o combustível onde sem ela a organização não funciona.

Hildebrando Silva de Andrade, 23 anos, TTL, Bento Fernandes, Rio Grande do Norte, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Na forma de ver o obstáculo como um motivo para lutar e não baixar a cabeça na hora das dificuldades, pois os militantes organizados, o povo organizado traz presente a mística do socialismo.

Samuel do Nascimento da Silva, 19 anos, projeto de assentamento Coqueirinho, Fortim, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, afirma que é uma forma de “acordar para a realidade”:

[...] a mística dentro do movimento nasceu para abrir os olhos de pessoas para acordar para a realidade. Seja quem derruba os movimentos sociais, aí existe uma mística crítica. Nasceu a mística dentro do movimento como forma de expressão.

Carlos Magno Sirqueira, 24 anos, assentamento Vila Diamante, Maranhão, aluno do curso de Jornalismo da Terra, também confirma a relação a partir da reivindicação dos direitos:

Quando fazemos trabalho de base com as pessoas, quando reivindicamos por nossos direitos etc.

Caldart (2004, p. 332-333) aponta a relação entre lutas sociais e transformações históricas, elementos ressaltados por alguns dos entrevistados na associação estabelecida entre a mística e a organização política interna do MST:

Em todos os tempos foi assim. As lutas sociais produziram as transformações históricas porque conformaram os próprios sujeitos capazes de fazê-las e de

consolidar os novos parâmetros da vida em sociedade que criavam.

Além disso, puderam ser observadas diferentes relações com o cotidiano do MST. Ioneide Nunes da Silva, 23 anos, São João do Piauí, Piauí, vê na mística a representação do cotidiano da prática do movimento:

Sim, porque tudo que representamos através da mística é o cotidiano da prática do movimento, e também retratamos o que almejamos conquistar.

Já Antônia Aline Costa de Oliveira, 22 anos, assentamento Flores, Sobral, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, observa a mística dentro da organização como uma forma de perceber o cotidiano e se indignar com as situações vividas:

Pois a organização para existir precisa de garra, de ousadia, de sentimento por parte de seus componentes, por isso a mística é fundamental para a permanência de uma organização, pois ela nos causa indignação diante das situações vividas cotidianamente e isso nos dá ânimo para continuar.

Geani Paulo S. da Rosa, 18 anos, Santa Tereza d'Oeste, Paraná, aluno do curso de Jornalismo da Terra, observa a relação como uma preparação de base:

Ela faz parte do nosso processo organizativo de luta para preparar a base.

Assim como pensa Neudicléia Neres de Oliveira, 19 anos, assentamento rural coletivo São Francisco de Assis, Esmeralda, Rio Grande do Sul, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

A mística faz parte do nosso processo organizativo, animando nossas bases à luta de classes.

Rozana Maria da Conceição, 34 anos, Normandia, Pernambuco, aluna do curso de Jornalismo da Terra, destaca que,

Sem a mística à organicidade política, fica faltando algo. Como vamos falar do político, se não temos a mística de saber falar com os militantes, homens, mulheres, crianças.

Dos 62 militantes entrevistados, 50 pessoas, ou 80,64% do total, acreditam que existem relações entre a mística e o processo de organização política do MST.

Antônio Nunes de Sousa, 60 anos, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

Sim, da mística é que parte a iniciativa para a luta, o debate, enfim, a organização interna do MST.

Maria Zilmar dos Santos, 49 anos, formado em Pedagogia, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

Sim, isso acontece de forma planejada. O tema tem que estar relacionado e todos os sujeitos envolvidos no processo. A mística é como se fosse um bálsamo nos momentos de alegria, tristeza e todos os momentos vividos.

Cleidia Maria de Almeida e Silva, 23 anos, terceiro ano do ensino médio, assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará:

Sim, porque existe muita desigualdade entre as pessoas que lutam por melhorias através de manifestações com o MST, mas tem muitas pessoas que são contra, como muitos políticos que acham que a organização do MST

é um povo sem dignidade, mas o MST é uma das organizações mais organizada e que dá muito valor no que fazer e no que vem fazendo para os trabalhadores.

Aurenice Xavier Barroso, 23 anos, assentamento 25 de Maio, Quietto, Madalena, Ceará:

A mística é uma forma de organização que buscamos para enfrentar cada momento, vencendo nossos medos e descobrindo nossos princípios.

Fransivaldo Rodrigues dos Santos, 21 anos, Alegre, Jaguaratama, Ceará, estudante do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, a mística inspira e fomenta a nossa responsabilidade e nosso compromisso com a luta popular.

Tiago Pereira da Silva, 23 anos, Lagoa do Mato Camará/Zumbi dos Palmares, estudante do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, porque a mística é algo que nos alimenta espiritualmente. Assim como o corpo necessita de comida, o espírito também necessita. Mas, como nem toda comida serve para nosso corpo, também há “mística” que não nos alimenta espiritualmente.

Neuber Josélio Amador, 26 anos, Madre Cristina, Goian-dira, Goiás, aluno de Jornalismo da Terra:

Sim, pode ser. Em sua forma de trabalhar as místicas, como forma de organizar as famílias para o debate e realização da mística, ou seja, de expressar sua realidade vivida.

Roque Reis dos Santos, 25 anos, São Sebastião de Utin-ga, Wagner, Bahia, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, porque o trabalhador dos acampamentos de MST e de outro movimento todo já tem essa prática de fazer uma mística, mas porém buscando o que simbolizam. As organizações estão ligadas com a política, porque o político passa a vivenciar a vida em que os trabalhadores vivem, querendo ou não, mas também buscando alguns pontos que vai servir para eles trabalharem na discussão na administração.

Paulo Roberto Oliveira da Silva, 24 anos, Ubá, Santa Quitéria, Ceará:

Sim, algumas vezes eles contribuíram para a organização da mística.

Antônio Kanova Júnior, 20 anos, Milton Santos, São Paulo, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, mas eu não sei de que maneira.

Ana Iris Nogueira Pacheco, 19 anos, Alcobaça, Bahia, aluna de Jornalismo da Terra:

Sim, a mística compõe essa organização interna, é um dos elementos desta. Se ela não desenvolveu um papel importante, não teria por que nos empenharmos tanto, assim como toda nossa organização. Cada elemento tem seu papel e importância.

Felipe Melo de Souza, 24 anos, Lagoa do Mineiro, Itarema, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra, destaca que “elaborar, pensar, comparar tem como reflexos os bons exemplos, a fortaleza de muitos que tombaram na caminhada” e relaciona a mística com a política interna.

Anônimo, 21 anos, aluno do curso de Jornalismo da Terra, afirma que é possível “reavivar a memória dos companheiros tombados em lutas e reavivar a nossa”.

Francisco Genivando Santos de Sousa, 27 anos, Monte Alegre, Tamboril, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

É lógico que a mística está ligada à organização política do MST. Isso é tão claro que o movimento definiu a mística como princípio organizativo. A mística é que dava sustentação ao nosso movimento. A mesma se manifesta nas reuniões, encontros, trabalhos de base, mobilizações, marchas, enfim, ela está presente em todos os espaços de atuação do MST.

Carlos Cosme, 19 anos, São Sebastião de Utinga, Wagner, Bahia, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

O ato da gente se organizar internamente já é uma mística.

Mércia Vieira Fernandes, 21 anos, Alagomar, Jaguaratama, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Os movimentos sociais, não apenas o MST mas o MAB, têm essa atividade, uma forma de representarmos nossas reivindicações.

Ricardo Ramos, 29 anos, Chico Mendes III, aluno do curso de Jornalismo da Terra, observou esse processo de união a partir de uma coesão interna, lembrando o “processo de organização através do núcleo de base”:

Por isso, temos que alimentar a mística e assim também nos alimentarmos. Ela está sempre no processo de luta. Cito, por exemplo, o processo de organização através do núcleo de base. Se torna uma referência do

que buscamos e para aproveitarmos deste potencial. Materializamos, na prática, os elementos místicos que na verdade são só frutos de nossa organização.

Enquanto isso, Maria Sheila Rodrigues, 26 anos, assentamento Santa Bárbara, Caucaia, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra, observa que a relação entre mística e organização interna do MST se dá “principalmente através da pertença de cada indivíduo”:

Sim, a mística sustenta o sentido de existir organização. Se dá em todos os setores, regiões, secretarias etc., principalmente através da pertença de cada indivíduo.

Nelsina Gomes Neta, 18 anos, Movimento dos Atingidos por Barragens, na comunidade de Coroaci, Minas Gerais, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

[...] para nós, uma mística é um fato político, assim como as ações do MST.

Ramiro Olivier de Souza, 21 anos, assentamento Patativa do Assaré, Aricuri, Pernambuco, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, porque precisamos nos apropriar das técnicas da mística.

Eliana Leite Martins Farias, 35 anos, Palmares I, Crateús, Ceará, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Existe, sim, pois nenhuma instância do MST funciona de forma independente. Estaremos todos ligados ao mesmo objetivo, que é a luta pela terra.

Pedro Ferreira de Oliveira Neto, 23 anos, assentamento Palmares, Crateús, Ceará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, a mística faz parte dos nossos princípios, vivenciar ela é uma tarefa que todo militante deve fazer, e isso é organização interna.

Carlos da Costa Silva, 23 anos, assentamento 17 de Abril, Eldorado dos Carajás, Pará, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Isso se dá através do sentimento de nossa organização com os lutadores de outras organizações nas quais nos espelhamos.

Raquel de Araújo de Souza, 20 anos, assentamento 17 de Abril, Eldorado dos Carajás, Pará, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Existe relação a partir do momento em que a organização interna nos ajuda a elaborar essas místicas.

Silvana Bezerra da Silva, 30 anos, assentamento Comuna da Terra Irmã Alberta, São Paulo, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Assim como a mística é importante ao MST, toda organização política tem para nós a sua importância e o seu significado. Percebo isso mais explícito nas divisões ou tarefas da militância, como se aprende a lidar com as diferenças e os obstáculos a partir de um ideal coletivo, aceitando a tarefa muito mais pelo outro do que por uma questão pessoal.

Anderson Antônio da Silva, 21 anos, aluno do curso de Jornalismo da Terra, vê a mística como elemento fortalecedor da luta:

Sim, pois a mística é uma das formas que usamos para animar os companheiros e mostrar que estamos todos unidos, além de muitas vezes relembrar mártires da nossa luta.

Esse último aspecto levantado por ele apresenta a valorização da memória e da história.

Maria Edna da Penha, 19 anos, assentamento Catalunha, aluna do curso de Jornalismo da Terra:

Sim. Porque em todos os encontros que fazemos ou participamos, sempre haverá a mística.

Fábio Luís dos Reis, 25 anos, assentamento José Maria, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, a mística é uma organização onde pode ser representado nos produtos nossos valores, nossos sonhos e onde queremos chegar, a sociedade que queremos construir, tudo isso faz parte da organização política.

Alessandro Rosa Fernandes, Espírito Santo, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim, porque a mística retrata fatos e ações que aconteceu há muito tempo atrás, e também o que está acontecendo no presente momento.

Do total de 62 militantes, 2 entrevistados, ou seja, 3,22% do total, ressaltam a função de união nas relações entre mística e organização política.

A realidade da mística é aquela feita para conscientizar os membros do movimento de sua importância, de seus objetivos. Mas nessa comunhão o grupo sai fortalecido ao dividir a

experiência espiritual com outros que têm os mesmos desejos, mas talvez com percepções diferentes, o que é normal e inerente às relações humanas.

Maria Auderice R. da Silva, 38 anos, ensino médio completo, assentamento 25 de Maio, Quietó, Madalena, Ceará:

Sim, porque é uma forma de união maior entre nós.

Antônio Carlos Costa Luz, 36 anos, Mártires de Abril, Belém, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Sim. Existe. A mística se dá a partir do momento em que nos organizamos para construir uma sociedade mais justa. Por exemplo, no MST, todo o processo de luta é construído coletivamente e todos decidem o rumo do movimento. Para que isso aconteça, é preciso ter unidade e convicção naquilo que se defende. A mística está presente nisso.

3.1 O Caráter Ideológico da Mística

Do total de 62 entrevistados, 2 militantes, ou 3,22%, ao analisarem as relações da mística com a política, ressaltam seu caráter ideológico.

Lucilene Nascimento da Luz Silva e Francisco Marcelo Matos da Silva tratam do reforço ideológico que a mística traz. Quando se fala em manter uma coesão de ideias pela mística, reforçando e lembrando os motivos pelos quais se luta, o caráter ideológico do MST transparece nessa experiência. Se a mística leva à ação a partir da espiritualidade, é porque a ideologia está profundamente ligada aos valores e ideais dos sem-terra, que, por sua vez, refletem a ideologia do movimento.

Lucilene Nascimento da Luz Silva, 27 anos, estudante do curso de Jornalismo da Terra, assentamento Santana, Monseñor Tabosa, Ceará:

Sim. A mística já é uma forma de organização. Porque o MST também é isso, é sentimento, formação político-ideológica e transformação.

Francisco Marcelo Matos da Silva, assentamento Leninpaz II, Ibaretama, Ceará, observa como uma “questão de ideologia política”. Além disso, destaca a mística como algo ligado à solidariedade entre os povos, algo que fortalece ideais e fala sobre a relação entre mística e política:

Claro que existe: isso é uma questão de ideologia política. “Vence quem ganhar a batalha das ideias.” A mística é para fortalecer nossos ideais. Liga o real com o abstrato. Tem a ver com a solidariedade entre os povos etc.

Cinco militantes, ou 8,06% do total, acreditam que não existe relação entre a mística e o processo de organização interna do Movimento Sem Terra: 1 do assentamento Lucas Dantas, Wesley Oliveira Lima, 18 anos, aluno do curso de Jornalismo da Terra, e quatro do assentamento 25 de Maio, Quieto, Madalena, Ceará: Maria de Fátima Nunes Maciel, 17 anos, segundo ano do ensino médio; Marcirene Nunes da Silva, terceiro ano do ensino médio; Maria Viviane G. de Araújo, 18 anos, ensino médio; e Francisca Josuélia de Almeida e Silva, 45 anos, ensino fundamental, que afirma:

Para muitos acha que tem, mas não tem essa organização interna. Nós somos todos iguais, porque lutamos pela mesma coisa.

Três militantes, ou 4,83% do total, comentaram outros aspectos não ligados às relações entre mística e organização política interna.

Mariana dos Santos Paiva, 16 anos, segundo ano do ensino médio, assentamento 25 de Maio, Quietos, Madalena, Ceará:

Está relacionado a sujeitos de nossa própria história, que faz de pequenos momentos inesquecíveis, que busca encontrar no movimento mais organização, trazendo como uma tradição a mística.

Romilson Joaquim de Souza, 21 anos, São Sebastião de Utinga, Wagner, Bahia, aluno do curso de Jornalismo da Terra:

Acredito que as respostas da primeira e segunda questão tenha respondido esta pergunta, porém é muito difícil explicar o que é mística.

Já na resposta de Antônia de Maria Bezerra, 20 anos, assentamento Palmares I, aluna do curso de Jornalismo da Terra, há referência ao resgate da história, no sentido essencial. A preparação para a luta, no viés formal. Nesta resposta, percebe-se que o sentido essencial está ligado à memória, que faz parte da constituição da identidade sem-terra. O aspecto formal aparece na referência que faz com que o militante se sinta sujeito ativo da luta, pertencente a uma entidade:

A mística é uma forma de expressar os sentimentos e unir as pessoas em um objetivo onde se dá o prazer da reflexão em cima de temas abordados, é emocionante quando se vê um ato onde envolve várias pessoas com palavras, expressões fortes, usando a simbologia do movimento.

CONCLUSÕES

No que se refere ao significado da mística para os militantes, podemos constatar que, dos 62 entrevistados, apenas 11, ou seja, 17,74%, conseguem perceber somente a dimensão formal da mística. A grande maioria, isto é, 51 entrevistados, se dá conta de sua dimensão essencial em diversas funções. Desses 51 entrevistados, ou seja, 82,25% dos militantes, a função mais citada, na dimensão essencial, foi a emocional, com a manifestação de 24,19% dos militantes em 15 depoimentos. Doze militantes, ou seja, 19,35%, apontaram outras funções na dimensão essencial da mística: 1, a função educativa; 4, a função histórica; 2, a função política; 2, a função doutrinária; 2, a função cultural; e 1, a função informativa e simbólica.

Desse total de 82,25%, 12 militantes, isto é, 19,35%, identificam na dimensão essencial a função celebrativa e de mistério, apontando uma integração entre forma e conteúdo. Outros 19,35% destacaram essa integração entre forma e conteúdo, identificando a dimensão formal da mística e chamando a atenção para outras funções da dimensão essencial: 1, a função identitária; 5, a função emocional; 3, a função política; 2, a função cultural; e 1, a função de técnica de comunicação grupal libertadora. Aqui, essa integração entre forma e conteúdo na mística não remete a uma dimensão espiritual, de carácter religioso ou não. Os componentes essenciais ressaltados estão divididos entre emocionais e racionais igualmente.

Esses números revelam que 82,25% dos militantes entrevistados compartilham da dimensão essencial da mística, sendo que 38,70% desse total se dá conta de como a forma está

integrada ao conteúdo nas manifestações místicas. Chama a atenção, entre estes últimos, aqueles que percebem a mística na sua dimensão essencial em sua função celebrativa e de mistério, em que o vínculo com a dimensão espiritual, de caráter religioso ou não, faz-se mais forte.

No transcorrer das respostas que estão inseridas na dimensão essencial, vê-se que a mística, na ótica dos militantes, possui uma força que tem o poder de estimulá-los a ir à luta e perseverar na caminhada. Tal motivação recai na geração de um sentimento de pertencimento. Da análise do material empírico, no qual também se verifica que a mística é um dos elementos responsáveis pela identificação política de sem-terra, há o pensamento de Vieira (2008, p. 4-5), para o qual “a mística aparece como uma das maiores expressões no que se refere também a coesão e reafirmação da necessidade de luta pela reforma agrária do país”. Ao mesmo tempo, pode-se observar o reconhecimento dos militantes como pessoas ligadas ao movimento. Constata-se que a mística reúne um conjunto de ações simbólicas que tem como meta a formação da subjetividade dos indivíduos.

No MST, a derrota, para os militantes, é desfatalizada. A mística é, assim, no dizer de Betto e Boff (2008, p. 50),

[...] o motor secreto de todo compromisso [...] aquele fogo interior que alenta as pessoas na monotonia das tarefas cotidianas e, por fim, permite manter a soberania e a serenidade nos equívocos e nos fracassos.

A partir da análise do material empírico, entende-se que a dimensão formal está associada a um ritual que, para o MST, contribui para a formação da identidade política dos sem-terra. Outro aspecto é que a dimensão formal se relaciona com a intenção da mística de publicizar a luta.

Lidas as respostas e tomados os apontamentos no material empírico, é possível perceber que, em qualquer situação em que esteja presente, a mística tem função de conseguir a coesão dos participantes, reforçando a identidade sem-terra e as práticas essenciais do movimento.

Na leitura do material empírico, por exemplo, é apresentado o caso da mística no V Congresso do MST. A mística serviu para identificar o oponente do MST e para demonstrar a necessidade de luta pela reforma agrária. A apresentação do vídeo sobre a morte dos sem-terra em Eldorado dos Carajás, reforçada pelas místicas no evento, mostrou que o combate ao oponente só aconteceria com a participação dos trabalhadores.

Estabelecendo uma ligação entre a dimensão formal explicitada nas respostas, especialmente quando a mística é citada como forma de representação, com o poder da ritualização, de acordo com o que está publicado no material empírico de eventos como o V Congresso, é possível ver que palavras de ordem, bonés, vídeos, à disposição das fileiras, são elementos que se tornam representações para o militante, o qual se sente parte do movimento, pronto para ir às lutas.

A mística, portanto, tem um papel essencial na preparação dos militantes para a luta, destacando sua dimensão subjetiva, que coloca os militantes num estado de alerta e mais sintonizados com as causas que desejam defender. A mística tem uma configuração muito poderosa na predisposição dos militantes para enfrentar as tarefas que lhes são destinadas.

Existe um tipo de mística para cada situação? Dos 62 entrevistados, 18 militantes, ou seja, 29,03%, responderam que existe um tipo de mística para cada situação e apenas três (4,83%) responderam que não, sendo que um percentual considerável, isto é, 13 dos 62 entrevistados, 20,96% do total,

considera que a mística tem uma dimensão emocional, dependendo da situação em que o indivíduo ou o grupo se encontra. Dez depoimentos (16,12%) destacaram a mística como representação de valores, ideias, sentimentos do MST. Só para 10 militantes (16,12%) não existe um tipo de mística adequado a cada situação. Oito entrevistados (12,90%) preferiram enfatizar a importância da mística para incentivar o militante à luta.

Cinquenta dos 62 entrevistados, ou seja, 80,64% do total, acreditam que existe uma relação entre a mística e o processo de organização interna do movimento. Dois militantes (3,22%) ressaltam a função de união e outros 2 entrevistados, o caráter ideológico da mística. Cinco militantes, ou 8,06%, não enxergam essa relação entre mística e organização política interna do movimento. Um pequeno número (4,83%) abordou outros temas quando indagado sobre o assunto.

Caldart (2004) destaca duas dimensões para compreender o processo de formação dos sem-terra do MST. A primeira diz respeito à própria vivência pessoal em uma organização coletiva com as características do MST. A segunda se refere à experiência do cultivo da mística e da pedagogia da autorrepresentação cultural que a acompanha.

Baseando-se nas respostas dos militantes, é possível afirmar que há níveis ou dimensões de mística para cada momento/situação: a mística como representação e a depender do emocional (do indivíduo e do grupo). Nesse caso, concorda-se com Caldart (2004, p. 208): “O MST trata da mística como sendo o tempero da luta ou a paixão que anima os militantes”.

Ela tem relação com a formação dos valores humanos que sustentam a escolha de continuar na luta. A raiz do sentimento que é simbolizado e cultivado na mística está nos valores que consolidam uma determinada concepção de humanidade,

exatamente a que justifica certas opções históricas que o MST vem fazendo ao longo de sua trajetória.

Ao mesmo tempo que expressa esses valores e suas convicções correspondentes, a mística estimula os militantes mais antigos a manter-se no próprio caminho que têm ajudado a definir; para as novas gerações ou para os sem-terra que a cada dia entram no movimento, ajuda a construir a disposição subjetiva de entrar no processo, de vivenciar de modo mais denso e rico as ações de que começam a participar.

A mística também tem aspecto de experiência de produção cultural, aqui entendida especificamente como autorrepresentação através dos símbolos, da arte, da imagem pública do sentido de ser sem-terra, ser do MST.

Evoca ainda a materialização (geralmente simbólica) desse sentimento na beleza da ambientação dos encontros, nas celebrações, na animação proporcionada pelo canto, pela poesia, pela dança, pelas encenações de vivências que devem ser perpetuadas na memória, pelos gestos fortes, pelas homenagens solenes que se prestam a combatentes do povo; lembra os símbolos do movimento, seus instrumentos de trabalho e de resistência, seus gritos de ordem, sua agitação, sua arte.

A mística promove uma relação de intimidade e proximidade dos objetivos do movimento muito maior do que se fossem feitas reuniões, passeatas ou congressos sem ela. O papel da mística é de fazer dos valores do movimento os valores fundamentais da vida de cada membro, e identificá-la fortemente com o MST.

As respostas de alguns militantes de que o próprio ato de organização de ações do MST é mística traduzem o papel que isso tem na sobrevivência política interna do movimento.

Além desse aspecto, foi possível observar nas respostas ligações dessa categoria com fatores históricos, da memória, do cotidiano, das lutas e reivindicações e da integração que a mística proporciona, relacionada com a organização política interna.

O caráter de comunhão vivenciado nessa experiência contribui, para além de ideias coesas, para implementar relações fortes e comunicação mais eficiente entre os membros. Na perspectiva da Teologia da Libertação, a relação espiritualidade-ação faz do MST um movimento muito mais coeso e solidificado e permite sua manutenção mesmo enfrentando derrotas na realidade social do país. Tal aspecto foi confirmado pelos sentimentos que muitos dos entrevistados apresentaram de coletividade e de fazer parte de um grupo em que o coletivo está presente.

Também nessa questão, para um grupo que trava um embate há muito tempo contra forças com mais recursos que ele, ter a identificação, o empenho e o entendimento de cada membro sobre os objetivos, o que se dá através da mística, contribui para a organização política interna. O otimismo que a mística carrega renova a disposição do movimento, necessária no contexto de décadas de história.

Essa história é preservada e mantida também através da mística, que aponta os sacrifícios feitos no passado para conquistas anteriores, reforçando a vontade de continuar se empenhando para também gerar transformação social.

A paixão pelo movimento e por tudo o que ele engloba é alimentada pela mística: sem essa relação profunda de vontades e convicções fortes, compartilhadas com todos os que fazem parte do MST, a estrutura política interna te-

ria de ser gerida por grandes líderes. Um movimento dessa dimensão, porém, não sobrevive apenas de personagens carismáticos se os atores principais – os assentados – não estiverem ligados e em constante processo de reconhecimento da razão para a luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de; JUSTOS, Marcelo. O Movimento dos Sem Terra: uma análise sobre o discurso religioso. *Imaginário*. São Paulo: USP, jul./ago. 2006. Disponível em: http://www.imaginario.com.br/artigo/a0061_a0090/a0064.shtml.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GOHN, Maria da Glória. Uma proposta teórico-metodológica para a análise dos movimentos sociais na América Latina. In: _____. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. *Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy; MARTINS, Leila Chalub. Pedagogia da mística: as experiências do MST. *Emancipação*, Ponta Grossa, v. 8, p. 109-120, 2008. Disponível em: <http://www.uepg.br/emancipacao>. Acesso em: 25 out. 2010.

PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Maud, 2003.

SILVA, Emerson Neves da. *Formação e ideário do MST*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

STÉDILE, João Pedro. *Questão agrária no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Atual, 1997.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mangano. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

TERRERO, José Martinez. *Comunicação grupal libertadora*. São Paulo: Paulinas, 1988.

VIEIRA, Luiz Carlos. A mística no MST: um ritual político. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH, 13., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Disponível em: http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213630966_ARQUIVO_AMisticanoMST.pdf. Acesso em: 25 out. 2010.

APÊNDICE

Apêndice A – Místicas realizadas pelos estudantes do curso de Jornalismo da Terra em julho de 2010

Mística de 7/7/2010 (10'13")

(Música de fundo)

(Som de batidas)

Voz de uma estudante: “Por onde passei, plantei
a cerca farpada.
Plantei a queimada.
Por onde passei, plantei a morte matada.
Por onde passei, matei a tribo calada.
A roça suada, a terra esperada.
Por onde passei, tendo tudo em lei,
Eu plantei o nada.”
(Trecho da música “Falando da terra”)

Voz de uma estudante: Há vinte e cinco anos, nasce, no Rio Grande do Sul, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que se expandiu em todo o Brasil com o intuito de ocupar a terra e trazer dignidade aos trabalhadores rurais do campo.

Voz de um estudante: MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens. Surge no final da década de 1970, após a ditadura militar, e é consolidado por um movimento de massa logo após seu encontro nacional em 1989.

Voz de uma estudante: O MST tem como objetivo lutar pela terra, pela reforma agrária e por uma sociedade socialista.

Voz de um estudante: O MAB é um movimento social de massa, um movimento social autônomo de massa, sem credo religioso, sem distinção de raça, cor ou partido político. O movimento é resultado de um processo de luta e organização do povo atingido e ameaçado por barragens que luta contra um modelo energético equivocado implantado no Brasil, modelo esse que visa atender ao interesse dos grupos econômicos nacionais e transnacionais que atuam no setor elétrico brasileiro.

Voz de uma estudante: O Movimento Sem Terra, além de lutar pela terra e pela reforma agrária, também luta contra o agronegócio, o hidronegócio e o governo neoliberal.

Voz de um estudante: O MAB não se prende somente à luta contra as barragens, contra poder e justiça direcionada à sociedade.

Cantam coletivamente, batendo palmas, um trecho da canção “Luz da América”, de Ademar Bogo:

América Latina tem uma beleza
que não foi a natureza só quem desenhou
Foi a força da guerrilha nos braços do povo
que no dia de ano novo enfim triunfou
Ela é muito pequena mas muito elegante
forte como um gigante se mantém por lá
desafia o imperialismo e não tem receio
ignorando o bloqueio desafia o mar.

Somos desta terra
Somos companheiros
Somos brasileiros
e também somos latinos

Pátria de Martí e de Che Guevara
esta história não para
enquanto nascer um menino.

É Cuba pequena que nos dá o exemplo
é massa e fermento neste caminhar
Mostrando que é possível dar um passo à frente
Arrastando toda a gente para triunfar
E aqueles que demonstram ser muito sabidos
Certo que estão iludidos um dia vão chorar
porque se a história não perdoa ninguém
ficarão esperando o trem que jamais voltará.”

Voz de um estudante: Diante do modelo histórico e com o surgimento de vários movimentos, surge a Via Campesina, composta de homens, mulheres, pequenos agricultores sem-terra, com o objetivo de lutar contra o agro- e o hidronegócio e manter a solidariedade internacional, com o objetivo de derrotar o capitalismo, de construir uma nova sociedade, a sociedade socialista.

Voz de um estudante: Prometemos a luta!

Repetem todos juntos por três vezes: Com fé, esperança!

Voz de uma estudante: Pátria livre!

Repetem todos juntos por três vezes: Venceremos!

Cantam a canção “Internacional socialista” todos juntos:

De pé, ó vítimas da fome
De pé, famélicos da terra
Da ideia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra

Cortai o mal bem pelo fundo
De pé, de pé, não mais senhores

Se nada somos neste mundo
Sejamos tudo, ó produtores

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Senhores, patrões, chefes supremos
Nada esperamos de nenhum
Sejamos nós que conquistemos
A terra mãe livre e comum

Para não ter protestos vãos
Para sair desse antro estreito
Façamos nós por nossas mãos
Tudo o que a nós nos diz respeito

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Crime de rico a lei cobre
O Estado esmaga o oprimido
Não há direitos para o pobre
Ao rico tudo é permitido

À opressão não mais sujeitos
Somos iguais todos os seres
Não mais deveres sem direitos
Não mais direitos sem deveres

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Mística de 9/7/2010 (10'30")

Música de fundo "Gracias a la vida" (Mercedes Sosa)

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio dos luceros que cuando los abro
Perfecto distingo lo negro del blanco
Y en el alto cielo su fondo estrellado
Y en las multitudes el hombre que yo amo

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el oído que en todo su ancho
Graba noche y día grillos y canarios
Martirios, turbinas, ladridos, chubascos
Y la voz tan tierna de mi bien amado

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el sonido y el abecedario
Con él, las palabras que pienso y declaro
Madre, amigo, hermano
Y luz alumbrando la ruta del alma del que estoy amando

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la marcha de mis pies cansados
Con ellos anduve ciudades y charcos
Playas y desiertos, montañas y llanos
Y la casa tuya, tu calle y tu patio

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio el corazón que agita su marco
Cuando miro el fruto del cerebro humano
Cuando miro el bueno tan lejos del malo
Cuando miro el fondo de tus ojos claros

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi propio canto

Voz de um estudante: Cuba. República Socialista de Cuba. Teve a revolução em 1959. É a experiência revolucionária do continente até ao momento vitoriosa. A mais antiga e radical revolução latino-americana, colocando para a hegemonia capitalista um problema insolúvel que faz dela um perigo inaceitável pela experiência que dá. Cuba, a prova que é possível na América Latina uma resistência socialista e anticapitalista.

Voz de outro estudante: A área rural deu voz a mais de setenta e cinco por cento da população, que é responsável por grande parte da economia. É muito pobre. As poucas terras férteis no país são divididas entre muitos camponeses. Atualmente, mais de cinquenta e cinco por cento de alimentos consumidos no país são importados.

Voz de outro estudante: Iraque. O território do atual Iraque foi o berço da civilização mais antiga do mundo. O desenvolvimento e a resistência do povo iraquiano contra a ocupação político-militar da coligação imperialista encabeçaram o povo árabe pela sua libertação e atual determinação em aldeias com prolongada luta até os dias atuais.

Voz de outro estudante: Palestina. O grito de Palestina livre se ouve por todo o mundo: judeus, cristãos e muçulmanos e todas as forças progressistas anti-imperialistas que se mobilizam em um movimento unificado contra os inimigos da humanidade. A nossa luta é internacional. A nossa luta é pela vida.

Voz de uma estudante: Argélia. República Argeliana Democrática e Popular. Um país situado no norte da África que conquistou, em 1982, sua independência da França após uma violentíssima guerra de libertação nacional. O conflito da Argélia se caracteriza por ser um grande levante de massas contra a política pró-imperialista e antipopular de governo.

Voz de um estudante: República Bolivariana da Venezuela. A resistência do povo venezuelano contra o golpe da oligarquia de direita contra Chavez. Em abril de 2002, foi um dos momentos mais significativos, com amplo apoio dos meios de comunicação, aliados aos grandes empresários, o golpe contou com apoio de logística do governo norte-americano. A resposta foi dada nas ruas. O golpe midiático durou quarenta e oito horas. Iniciou no dia 11 de abril e na madrugada do dia 13 de abril de 2002 foi derrotado. Vencer ou vencer! Ocuparam as ruas de Caracas e de outras cidades do país.

Voz de outra estudante: Camaradas, a solidariedade é o tecido da luta dos povos e a base do próprio desenvolvimento da humanidade. O ser humano não poderia ter se desenvolvido, avançado de forma isolada. A solidariedade tem uma força e como uma Via Campesina na luta forte da esquerda pelos processos de transformação sociais. Operários do mundo, uni-vos, sintetiza a estratégia da classe a nível mundial, mas também nos remete a lutas futuras, à construção de um projeto de libertação dos povos do domínio imperialista. O surgimento do império internacional socialista para a mais importante ação da classe trabalhadora torna-se parte importante da mística dos povos na luta da unidade, da solidariedade e na resistência.

Repetem todos em coro por três vezes consecutivas: Brasil, Cuba, América Central. A luta socialista é internacional! Cantam todos juntos a canção “Internacional socialista”.

Mística de 12/7/2010 (9’19”)

Voz de um estudante: E o nosso compromisso social e ambiental é completo. Nenhum deles será dispensável sem o outro. Impulsionar o crescimento do nosso negócio. Somos a terceira

maior produtora de sementes de milho do país, além de adubos para a agricultura, agentes químicos minerais, amidos, incluindo o sal, e outras plantações. Contamos com mil e duzentos profissionais qualificados para atender desde o menor agricultor até o maior produtor. O Projer, em todo o campo, em parceria com o governo do estado de São Paulo, prefeituras, universidades de agronomia, cooperativas e distribuidoras da Fingenta, visa conscientizar os jovens até dezoito anos da importância da preservação do meio ambiente e do uso da tecnologia para a produção de alimentos saudáveis. Já atendeu cerca de trezentas mil crianças em diversos municípios do Brasil.

Voz de uma estudante: Fingenta – transnacional suíça. Foi denunciada em 2003 pelo MST e por movimentos sociais da Via Campesina pela produção ilegal de sementes transgênicas na zona de amortecimento do Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná. A Fingenta veio para o Brasil porque não conseguiu licença para produzir transgênicos na Suíça. No ano de 2007, a transnacional suíça contrata uma milícia paga para acabar com o acampamento, onde resultou em vários feridos e duas mortes, sendo uma do segurança da fazenda e outra de um militante do MST. Hoje, após seis anos do fato, ela ainda não foi julgada.

Voz de um estudante: Nós, do Sistema Rede Globo de Comunicação, somos a maior rede de comunicação do Brasil e uma das maiores do mundo, trazendo informação e entretenimento ao seu alcance. Nossa emissora alcança com o nosso sinal de transmissão cerca de noventa e nove vírgula cinco por cento da população brasileira. Estivemos junto com vocês nos bons e nos maus momentos e esta é a principal tarefa da nossa programação: estar sempre ao seu lado.

Voz de outro estudante: A Rede Globo foi fruto da ditadura militar. Hoje é o grande meio de comunicação que combate a luta da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, muito contra também o MST e também tenta barrar o acesso à comunicação da classe trabalhadora, sendo arqui-inimiga da democratização das comunicações em nosso país.

Voz de outra estudante: Nós, estudantes do curso de Jornalismo da Terra, representando os movimentos sociais na Universidade Federal do Ceará, nos comprometemos a seguir ajudando na organização do povo e para que lute pelos seus direitos e contra a desigualdade e as injustiças sociais. Por isso, assumimos o seguinte compromisso: lutar contra a hegemonia dos meios de comunicação, defendendo, assim, os nossos direitos de apropriação [...].

Todos juntos: Nós nos comprometemos.

Voz de outro estudante: A combater as empresas transnacionais que querem controlar as sementes e a produção e o comércio agrícola brasileiro, como a Morsanto, a Figenta, Kajil, Fuji, Adra, Nestlé, Aracruz, entre outras. Impedir que continuem explorando a natureza [...] força de trabalho em nosso país.

Todos juntos: Nós nos comprometemos.

Voz de outra estudante: Buscar se apropriar dos fundamentos técnicos e teóricos da comunicação, para que possamos a partir disto qualificar nossos métodos de produção.

Todos juntos: Nós nos comprometemos.

Voz de outro estudante: Lutar para que a classe trabalhadora tenha acesso ao ensino fundamental, à escola de nível médio, à universidade pública, gratuita e de qualidade.

Todos juntos: Nós nos comprometemos.

Voz de outra estudante: Lutar contra toda a forma de violência no campo, bem como contra a criminalização dos movimentos sociais.

Todos juntos: Nós nos comprometemos.

Voz de outro estudante: Lutar para que o assentamento ou comunidade tenha seus próprios meios de comunicação popular, como, por exemplo, rádios comunitárias livres; lutar pela democratização de todos os meios de comunicação da sociedade, contribuindo para a formação da consciência política e a valorização da cultura do povo.

Todos juntos: Nós nos comprometemos.

Voz de outra estudante: Fortalecer a situação dos movimentos sociais no campo e da Via Campesina Brasil em todos os estados e regiões; construir com todos os movimentos sociais a assembleia popular nos municípios, regiões e estados.

Todos juntos: Nós nos comprometemos.

Voz de outro estudante: A contribuir de todas as maneiras possíveis de integração popular americana através da Alba – Alternativa Bolivariana dos Povos da América Latina.

Todos juntos: Nós nos comprometemos.

Cantam todos juntos a canção “Internacional socialista”.

Palmas.

Todos juntos: A mídia aliena. Aumenta a repressão. Estamos aqui por outra comunicação.

Palmas.

Mística de 14/7/2010

Voz de um estudante: Lenin. Nasceu em São Petersburgo em 1870. Estudante de direito em São Petersburgo, entrou em contato com os círculos [...] e tornou-se discípulo de Petrenov, que encontrou em 1896. Condenado a três anos de exílio em 1903, provocou uma cisão entre os bolcheviques e os mencheviques. Por ocasião da revolução de 1905, retornou à Rússia em novembro e apoiou a greve geral de Moscou. Forçado a deixar a Rússia em dezembro de 1907, residiu a maior parte do tempo em Genebra ou em Paris. Fundou o jornal *Pravda*, que significa a verdade contra os sociais democratas alemães. Em face do agravamento da situação política da Rússia, assumiu a direção da insurreição bolchevique em 7 de novembro ou em 25 de outubro pelo calendário russo. Nomeado presidente do Conselho Comissário do Povo, nacionalizou as grandes propriedades rurais e as indústrias. Em julho de 1918, fez aprovar pelo V Congresso dos Soviotes a Primeira Constituição da República Federativa dos Soviotes da Rússia. Emprestou à própria revolução que recebeu apoio do exterior durante uma das principais guerras do movimento revolucionário e constituiu a primeira Internacional em março de 1919. Em 1922, transformou o antigo império russo em União da República Socialista Soviética. Morreu em 1923, consequência de um atentado que sofreu em 1922.

Uma só voz por três vezes: Globalizemos a luta.

Todos juntos por três vezes: Globalizemos a esperança.

Cantam todos juntos a “Internacional”.

Uma só voz por três vezes: Globalizemos a luta.

Todos juntos falam: Globalizemos a esperança.

Mística de 16/7/2010 (8'18")

Voz de um estudante: O que está acontecendo na Palestina. Um erro humanitário contra o código de ética, justamente seria um crime contra a humanidade, reduzir o orgulho, para que a Palestina fosse entregue aos judeus parcialmente ou totalmente como lar nacional judaico.

Voz de uma estudante: Haiti. Desde 2006, a Via Campesina discute a possibilidade de mandar uma brigada para o Haiti. A brigada foi enviada no final de 2008, para trabalhar em parceria com os camponeses do país nas áreas de agroecologia e formação. Com o terremoto que aconteceu no ano de 2009 e destruiu oitenta por cento do país, a Via Campesina decidiu enviar uma brigada maior para ajudar também na reconstrução do país. Essa brigada é formada por militantes da área de agronomia, veterinária, comunicação e outros setores, com as seguintes tarefas: ajudar na reconstrução das casas, espaços comunitários; ajudar a restabelecer a agricultura, incentivando a agroecologia e preservação dos setores; organizar escolas, cursos de formação.

Voz de um estudante: Cuba é uma república socialista, organizada segundo o modelo marxista-leninista. Em 1962, Cuba foi expulsa da Organização dos Estados Americanos, que passou a apoiar embargo econômico. Porém, Cuba é um país em que todos têm direito à saúde, à educação, à liberdade religiosa e de associação. É um país exemplar na luta. Merece nosso apoio, nossa solidariedade ao povo cubano.

Voz de outro estudante: Venezuela ou República Bolivariana da Venezuela. País localizado ao norte da América do Sul. Os movimentos sociais desempenharam papel estratégico na luta

de resistência contra os programas de governo neoliberais. Isso porque o neoliberalismo é uma máquina de expropriação de direitos sociais, afetando diretamente os setores congregados ou representados pelos movimentos sociais. É nesse sentido de luta, de unidade, de diversos movimentos sociais que estamos organizados para contribuirmos com a luta de classes e mantermos a luta internacionalista junto a outros países que organizam a luta pelo socialismo.

Voz de outra estudante: Honduras. O golpe militar em Honduras em 2009, assim considerado por resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), é um acontecimento em andamento, desencadeado quando o exército, em cumprimento ao mandado de prisão emitido pelo poder judiciário, prende o presidente Manuel Valaio, sendo que o poder judiciário contrariou a lei em que nenhum hondurenho pode ser extraditado ou entregue pelas nações estrangeiras. O golpe foi imediatamente denunciado por vários países. Depois do golpe, Honduras não será mais o mesmo, pois o povo despertou em sua caminhada e rumo à liberdade não se deterá.

(Trecho de música)

Voz de outro estudante: A construção da Alba (Aliança Bolivariana para a América Latina) e a solidariedade aos povos, principalmente de Cuba, do Iraque e da Palestina, são uma das metas do movimento internacionalista de que a Via Campesina faz parte. Países como a Palestina, que há mais de sessenta anos sofre uma imensa invasão de despejo, de violência por parte do povo israelense. E do Iraque, que desde 2004 uma invasão criminosa dizima uma nação por completo. Cuba, que há mais de cinquenta anos que vem sofrendo repressões do

império que tenta acabar com o regime socialista e humanitário do povo cubano. Esses interesses internacionalistas objetivam criar um único cordão de resistência. Que a resistência se globalize e que os povos sejam livres.

Todos juntos cantam a canção “Internacional socialista”.



Impressão e Acabamento Imprensa Universitária da
Universidade Federal do Ceará – UFC
Av. da Universidade, 2932, fundos – Benfica
Fone/Fax: (85) 3366.7485 / 7486 – CEP: 60020-181
Fortaleza – Ceará – Brasil
iu.arte@ufc.br – www.imprensa.ufc.br

No longo de toda sua existência, a Universidade Federal do Ceará (UFC) vem contribuindo de modo decisivo para a educação em nosso país. Grandes passos foram dados para sua consolidação como instituição de ensino superior, hoje inserida entre as grandes universidades brasileiras. Como um de seus avanços, merece destaque o crescimento expressivo de seus cursos de pós-graduação, que abrangem, praticamente, todas as áreas de conhecimento e desempenham papel fundamental na sociedade ao formar recursos humanos que atuarão na preparação acadêmica e profissional de parcela significativa da população.

A pós-graduação brasileira tem sido avaliada de forma sistemática nas últimas décadas graças à introdução e ao aperfeiçoamento contínuo do sistema nacional de avaliação. Nesse processo, o livro passou a ser incluído como parte importante da produção intelectual acadêmica, divulgando os esforços dos pesquisadores que veiculam parte de sua produção no formato livro, com destaque para aqueles das áreas de Ciências Sociais e Humanas. Em consonância com esse fato, a *Coleção de Estudos da Pós-Graduação* foi criada visando, sobretudo, apoiar os programas de pós-graduação *stricto sensu* da UFC. Os objetivos da coleção compreendem:

- Implantar uma política acadêmico-científica mais efetiva para viabilizar a publicação da produção intelectual em forma de livro;
- Oferecer um veículo alternativo para publicação, de modo a permitir maior divulgação do conhecimento, resultante de reflexões e das atividades de pesquisa nos programas de pós-graduação da UFC, considerando, principalmente, o impacto positivo desse tipo de produção intelectual para a sociedade.

Em 2012, ano de sua criação, a *Coleção de Estudos da Pós-Graduação* apoiou a edição de 21 livros, envolvendo diversos cursos de mestrado e doutorado.

